

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS II

SUELLEN FERNANDA DE QUADROS SOARES

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

Sumário

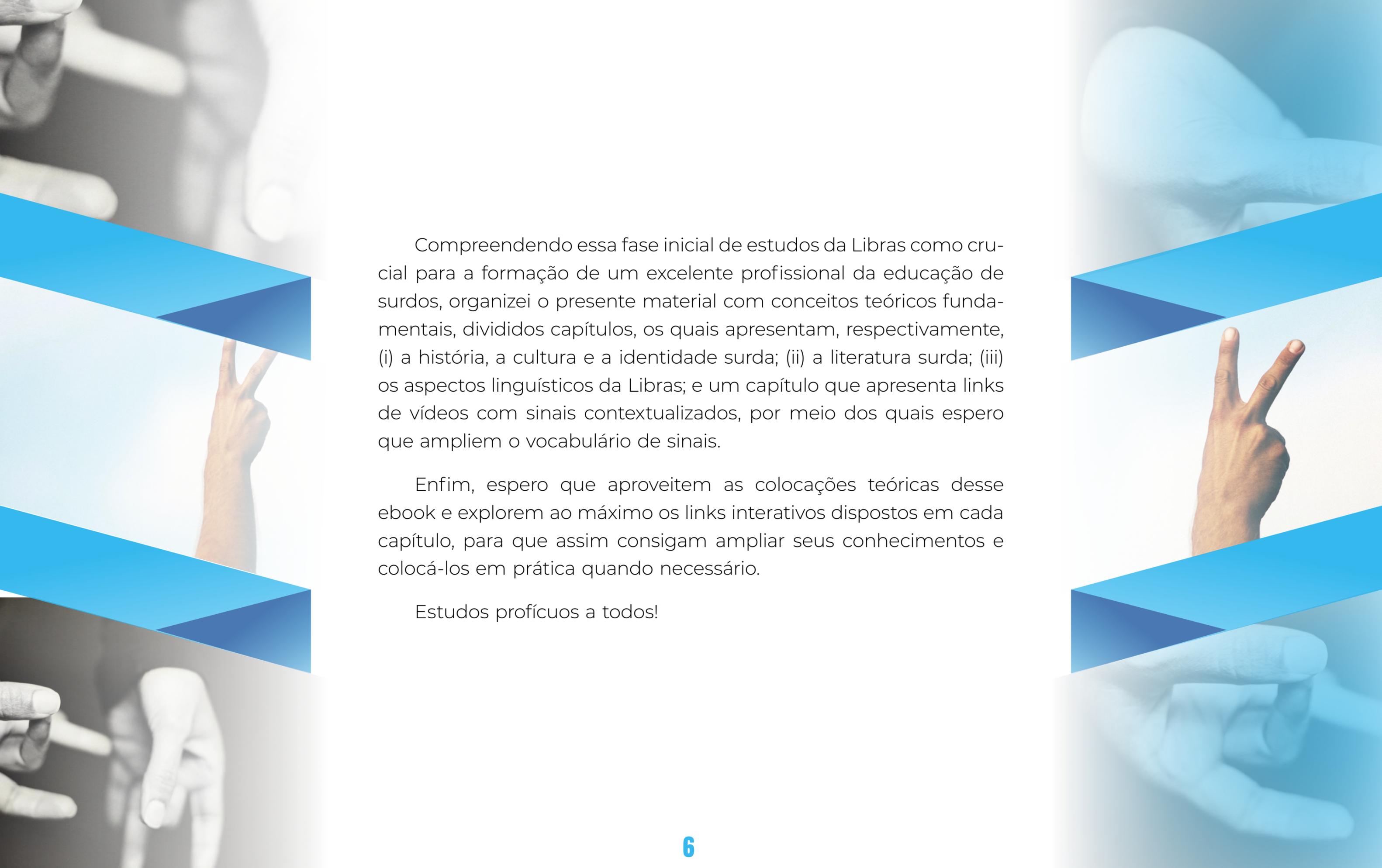


Apresentação

Olá! Eu sou a professora Suellen Fernanda de Quadros Soares. Mestre em Letras e suas interfaces entre Língua e Literatura pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2019). Especialista em Educação Especial pelo ESAP (2013). Graduada em Letras Português Espanhol e suas respectivas literaturas pela FAFIT – SP (2012). Tradutora intérprete de Libras/ Língua Portuguesa – TILS – certificada desde o ano de 2009, sendo a última certificação obtida no PROLIBRAS, 2015.

No momento, atuo como TILS na Unicentro/ Guarapuava, na condição de professora colaboradora, vinculada ao departamento de Letras, e como TILS no Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos – CAS Regional Oeste Guarapuava, vinculado à Secretaria Estadual de Educação e Esporte - SEED.

Estarei ministrando a vocês a disciplina de Libras II, para a qual trago não só a minha experiência enquanto TILS e docente de Libras como L1 para surdos (no antigo CAES), mas coloco-me também enquanto aprendiz dessa língua tão rica e tão desafiadora, ao mesmo tempo.



Compreendendo essa fase inicial de estudos da Libras como crucial para a formação de um excelente profissional da educação de surdos, organizei o presente material com conceitos teóricos fundamentais, divididos capítulos, os quais apresentam, respectivamente, (i) a história, a cultura e a identidade surda; (ii) a literatura surda; (iii) os aspectos linguísticos da Libras; e um capítulo que apresenta links de vídeos com sinais contextualizados, por meio dos quais espero que ampliem o vocabulário de sinais.

Enfim, espero que aproveitem as colocações teóricas desse ebook e explorem ao máximo os links interativos dispostos em cada capítulo, para que assim consigam ampliar seus conhecimentos e colocá-los em prática quando necessário.

Estudos profícuos a todos!

1. História, Cultura e Identidade Surda

Nós éramos chamados de surdos-mudos, mudos, objetos de piedade, surdos e estúpidos, dos semimudos, objetos de uso e agora, ouvidos danificados. Nós éramos descritos como “um dos filhos dos homens mal compreendidos entre os filhos do homem” Alguns de nós são surdos e alguns de nós são Surdos. Alguns de nós usamos a Língua de Sinais Americana e alguns de nós não. A nossa presença não é revelada e a maior parte da história é desconhecida. Esta é a história americana... Através dos “olhos” surdos.

Jack R. Gannon (tradução Dra Ana Regina Campello e Souza)

1.1 Contextualizando a História do povo surdo

Para iniciarmos nossas discussões, traçaremos um olhar, mesmo que breve, em torno da discursividade presente na história dos sujeitos, porém, sem nos determos a uma linha temporal e sem adentrarmos nas especificidades que tangem a Educação de Surdos e sua didática. Para este momento, a proposta é pensarmos esses discursos como geradores de vontades de verdade que influenciaram (e ainda influenciam) a participação dos surdos na sociedade e sua formação cidadã.

A surdez existe desde os primórdios e passou por diversos momentos históricos, sendo tecida por diferentes discursos, entre eles, o clínico, o político e o religioso. Por muitas vezes, os surdos não foram reconhecidos como seres humanos, sendo segregados e desrespeitados pela sociedade devido à falta de audição ter sido comparada à ausência de inteligência e capacidade intelectual.

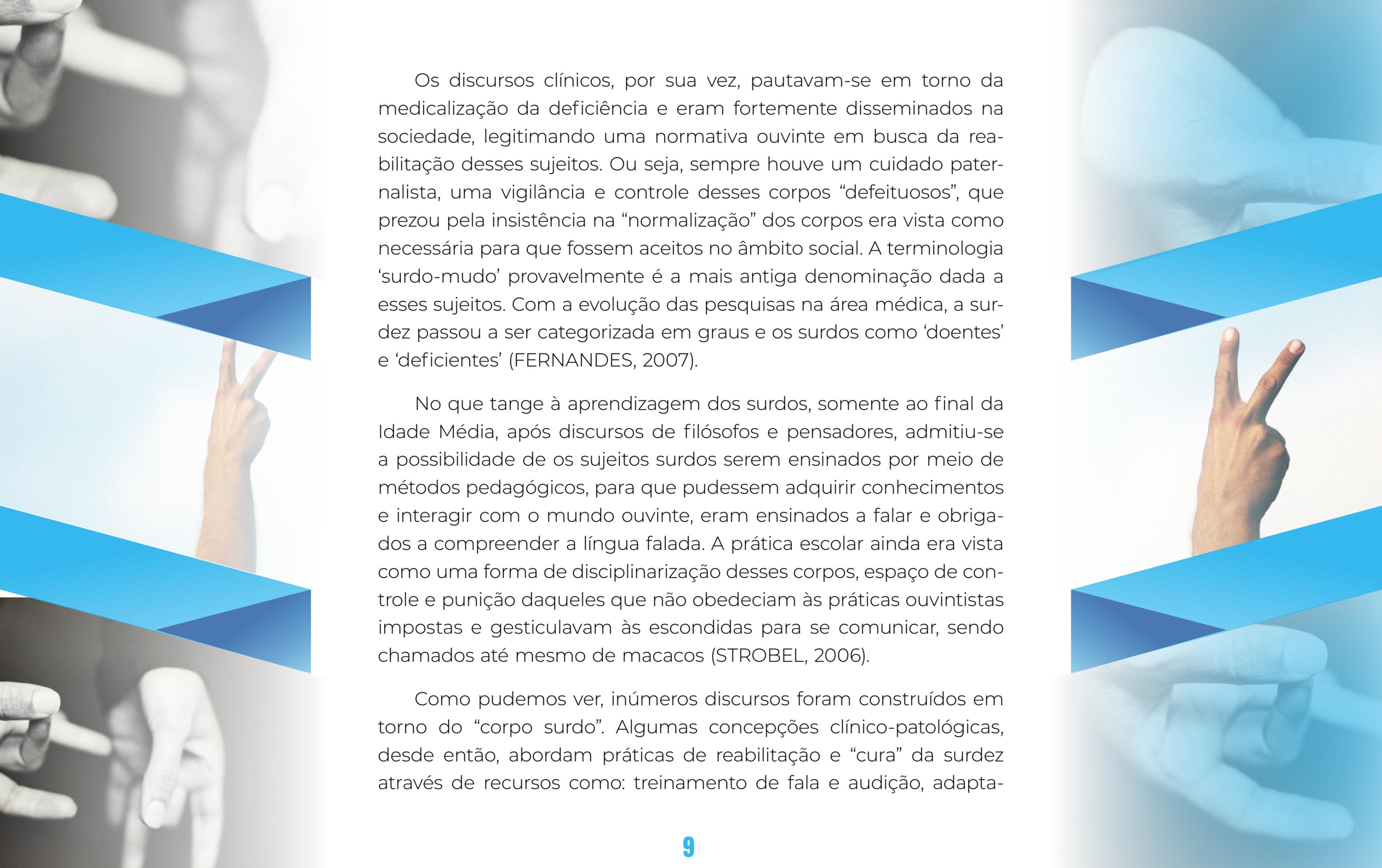


Por muito tempo, os Surdos foram vítimas de uma concepção equivocada que vinculava a surdez com a falta de inteligência, levando-os a serem marginalizados, a partir da crença hegemônica de que, como não poderiam falar, não desenvolveriam linguagem, não poderiam pensar e, portanto, não existiriam possibilidades de aprendizagem formal (FERNANDES, 2007, p. 28).

Tais discursos fizeram com que esses sujeitos fossem marginalizados e privados de receber instrução, sendo considerados por alguns povos como um castigo dos deuses. Em outras civilizações, como a Greca e a Romana, eram escravizados ou mortos, vítimas de uma opressão que entendia a ausência da audição como uma impossibilidade de atribuir-lhes qualquer ensinamento “relegando-os à condição de não humanos, tal qual os escravos e as mulheres, à época” (FERNANDES, 2007, p. 29).

A igreja utilizava-se de trechos bíblicos para a segregação desses sujeitos, atestando que somente pela voz é que as pessoas poderiam clamar a Deus e serem ouvidas, sendo, portanto, os surdos sujeitos sem voz e sem vez nesse contexto, impossibilitados até mesmo de receberem a comunhão e de participarem de qualquer evento realizado pelas instituições religiosas.

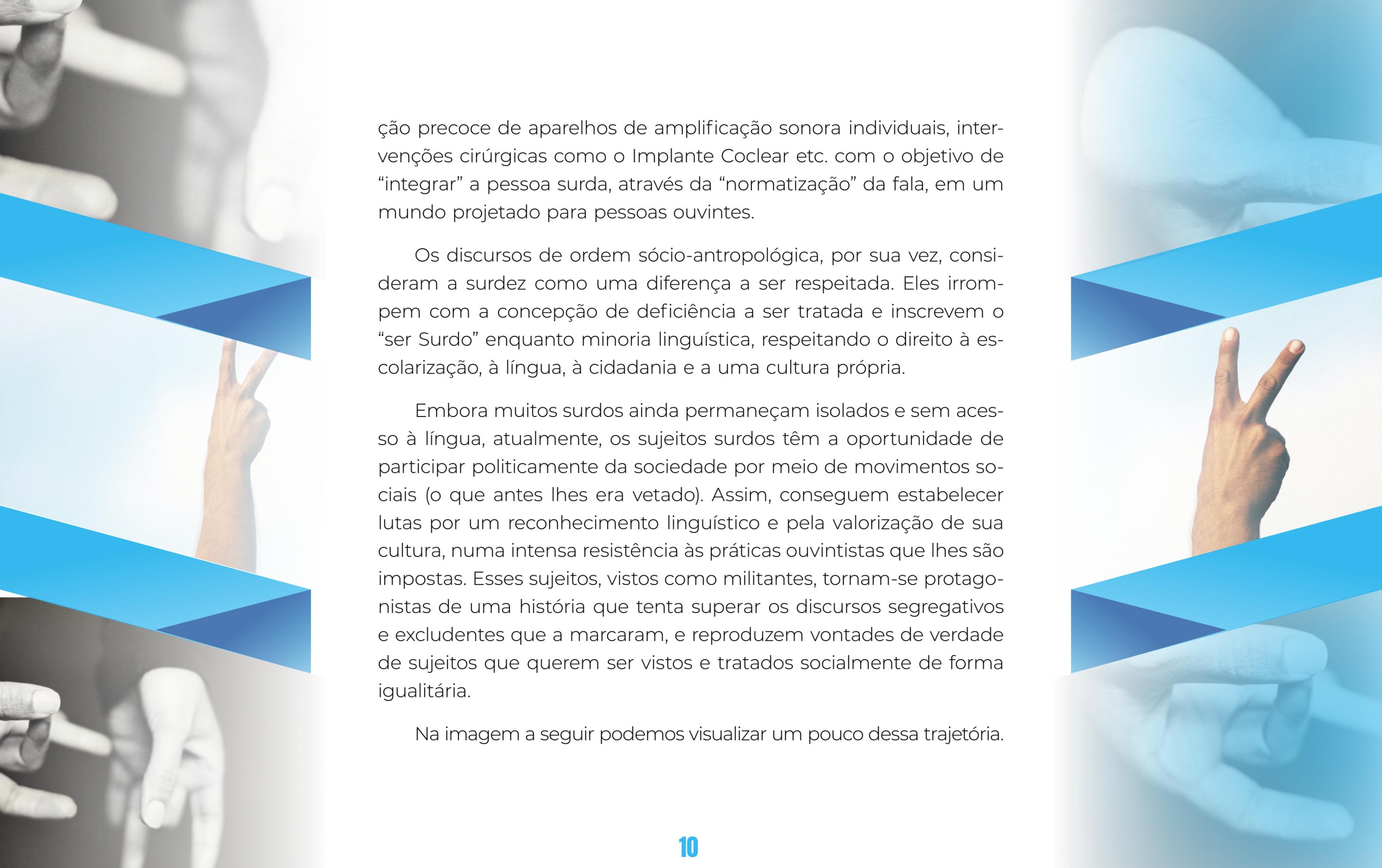
Os surdos sempre foram subjugados e inferiorizados, historicamente, por não possuírem linguagem. Alguns eram vistos como seres com “doença contagiosa”, outros como “coitadinhos”, além de muitos outros estereótipos que lhes eram atribuídos.



Os discursos clínicos, por sua vez, pautavam-se em torno da medicalização da deficiência e eram fortemente disseminados na sociedade, legitimando uma normativa ouvinte em busca da reabilitação desses sujeitos. Ou seja, sempre houve um cuidado paternalista, uma vigilância e controle desses corpos “defeituosos”, que prezou pela insistência na “normalização” dos corpos era vista como necessária para que fossem aceitos no âmbito social. A terminologia ‘surdo-mudo’ provavelmente é a mais antiga denominação dada a esses sujeitos. Com a evolução das pesquisas na área médica, a surdez passou a ser categorizada em graus e os surdos como ‘doentes’ e ‘deficientes’ (FERNANDES, 2007).

No que tange à aprendizagem dos surdos, somente ao final da Idade Média, após discursos de filósofos e pensadores, admitiu-se a possibilidade de os sujeitos surdos serem ensinados por meio de métodos pedagógicos, para que pudessem adquirir conhecimentos e interagir com o mundo ouvinte, eram ensinados a falar e obrigados a compreender a língua falada. A prática escolar ainda era vista como uma forma de disciplinarização desses corpos, espaço de controle e punição daqueles que não obedeciam às práticas ouvintistas impostas e gesticulavam às escondidas para se comunicar, sendo chamados até mesmo de macacos (STROBEL, 2006).

Como pudemos ver, inúmeros discursos foram construídos em torno do “corpo surdo”. Algumas concepções clínico-patológicas, desde então, abordam práticas de reabilitação e “cura” da surdez através de recursos como: treinamento de fala e audição, adapta-



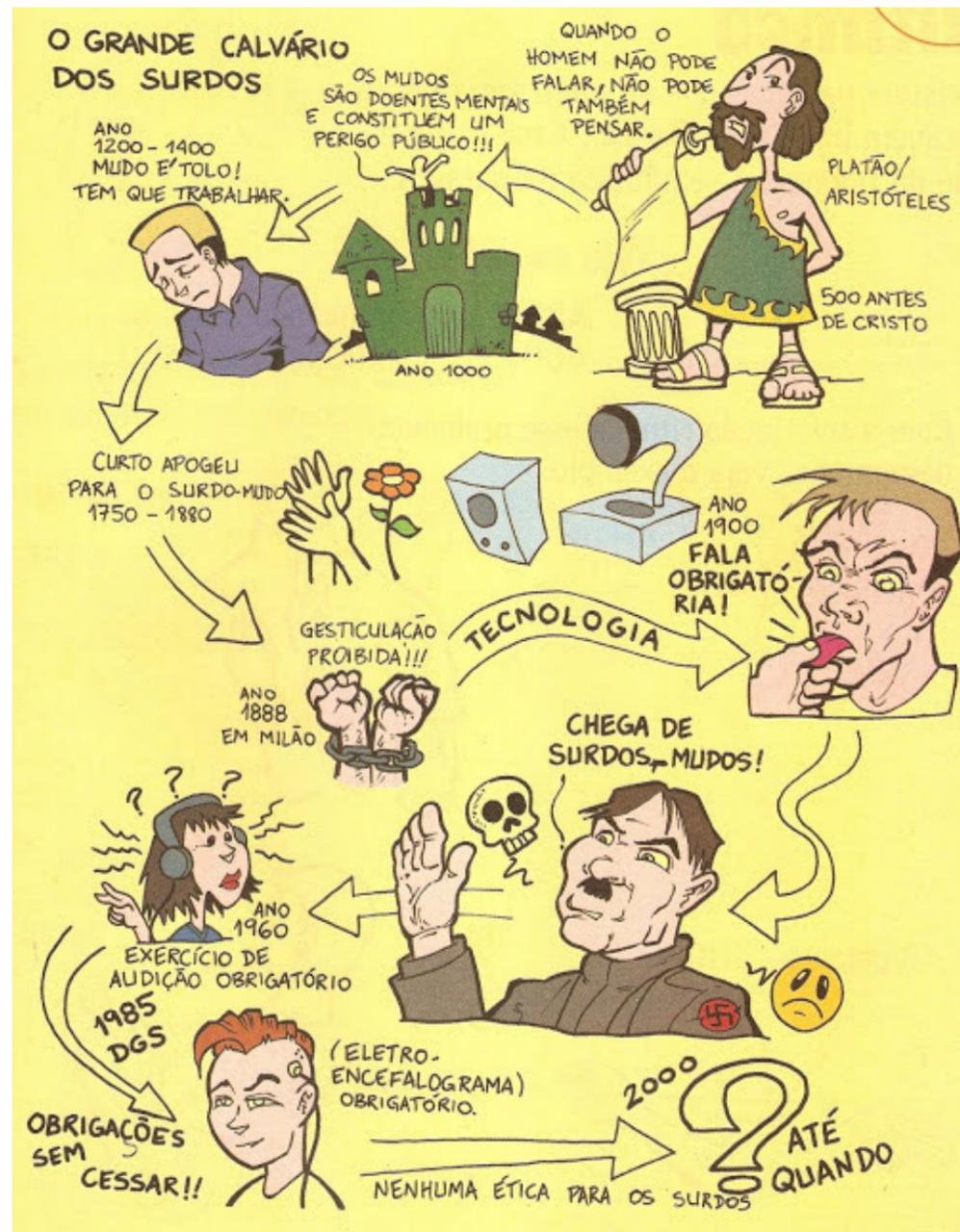
ção precoce de aparelhos de amplificação sonora individuais, intervenções cirúrgicas como o Implante Coclear etc. com o objetivo de “integrar” a pessoa surda, através da “normatização” da fala, em um mundo projetado para pessoas ouvintes.

Os discursos de ordem sócio-antropológica, por sua vez, consideram a surdez como uma diferença a ser respeitada. Eles irrompem com a concepção de deficiência a ser tratada e inscrevem o “ser Surdo” enquanto minoria linguística, respeitando o direito à escolarização, à língua, à cidadania e a uma cultura própria.

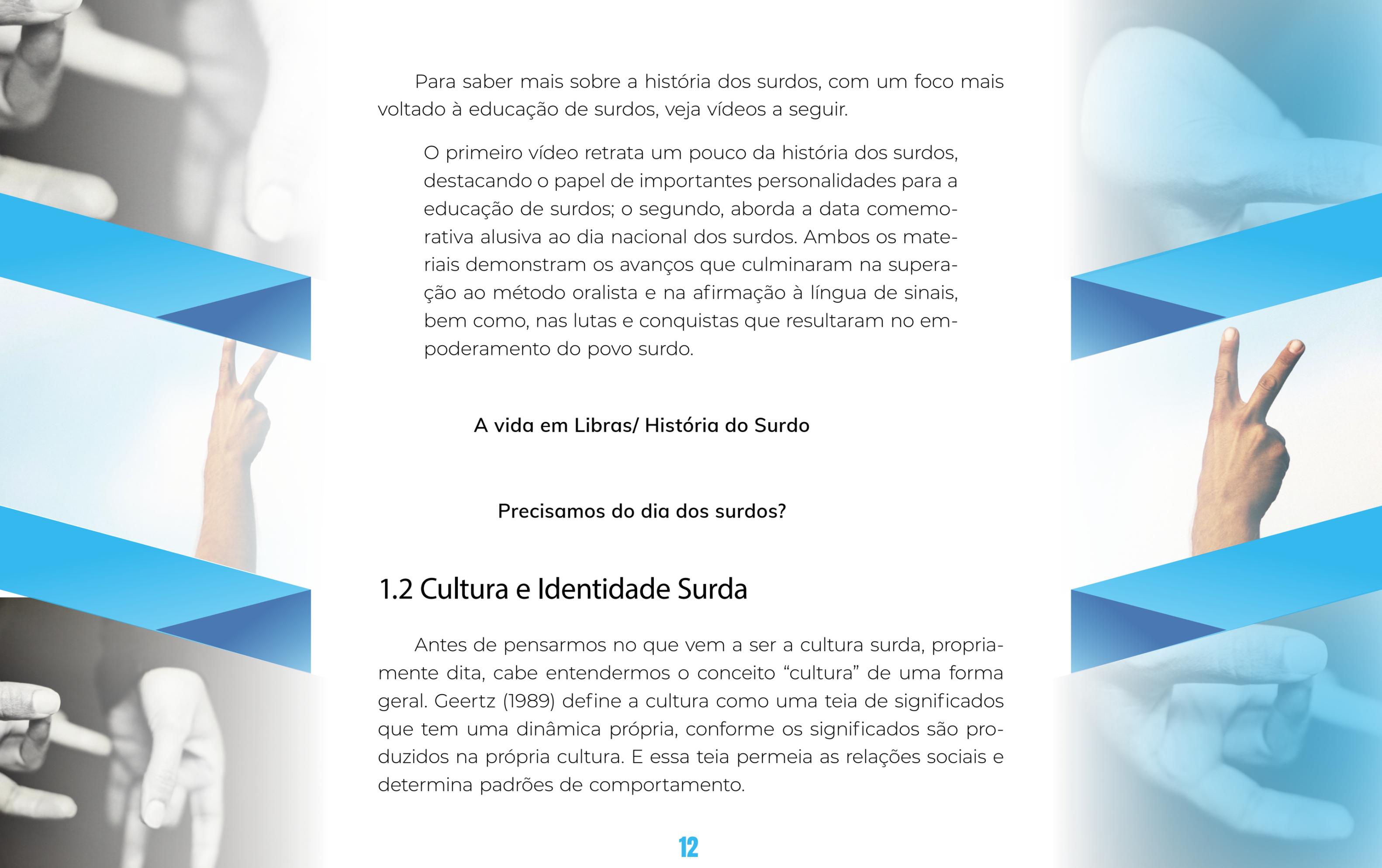
Embora muitos surdos ainda permaneçam isolados e sem acesso à língua, atualmente, os sujeitos surdos têm a oportunidade de participar politicamente da sociedade por meio de movimentos sociais (o que antes lhes era vetado). Assim, conseguem estabelecer lutas por um reconhecimento linguístico e pela valorização de sua cultura, numa intensa resistência às práticas ouvintistas que lhes são impostas. Esses sujeitos, vistos como militantes, tornam-se protagonistas de uma história que tenta superar os discursos segregativos e excludentes que a marcaram, e reproduzem vontades de verdade de sujeitos que querem ser vistos e tratados socialmente de forma igualitária.

Na imagem a seguir podemos visualizar um pouco dessa trajetória.

Figura 1: Contexto histórico do povo surdo



Fonte: Blog Eu vou aprender Libras.



Para saber mais sobre a história dos surdos, com um foco mais voltado à educação de surdos, veja vídeos a seguir.

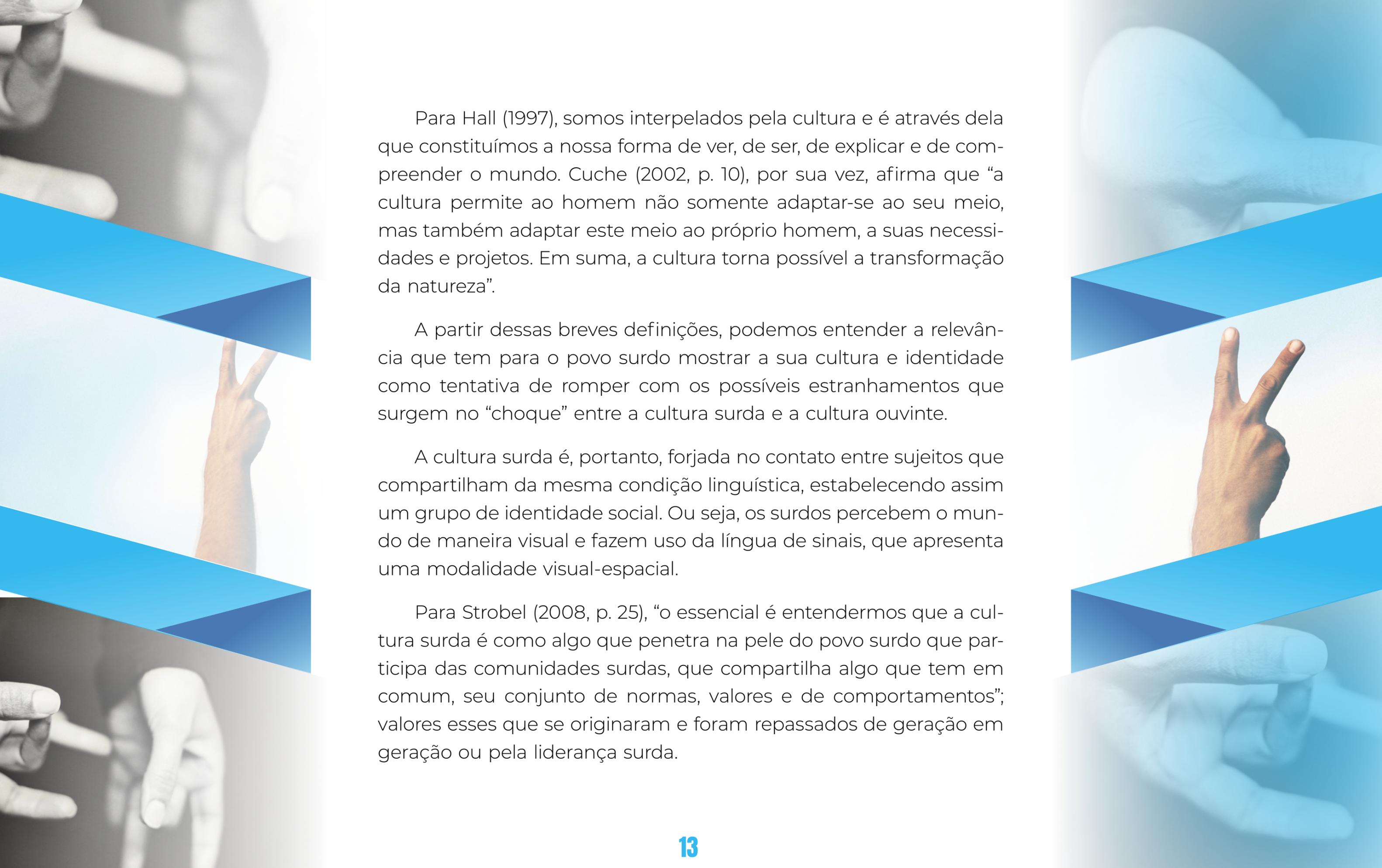
O primeiro vídeo retrata um pouco da história dos surdos, destacando o papel de importantes personalidades para a educação de surdos; o segundo, aborda a data comemorativa alusiva ao dia nacional dos surdos. Ambos os materiais demonstram os avanços que culminaram na superação ao método oralista e na afirmação à língua de sinais, bem como, nas lutas e conquistas que resultaram no empoderamento do povo surdo.

A vida em Libras/ História do Surdo

Precisamos do dia dos surdos?

1.2 Cultura e Identidade Surda

Antes de pensarmos no que vem a ser a cultura surda, propriamente dita, cabe entendermos o conceito “cultura” de uma forma geral. Geertz (1989) define a cultura como uma teia de significados que tem uma dinâmica própria, conforme os significados são produzidos na própria cultura. E essa teia permeia as relações sociais e determina padrões de comportamento.

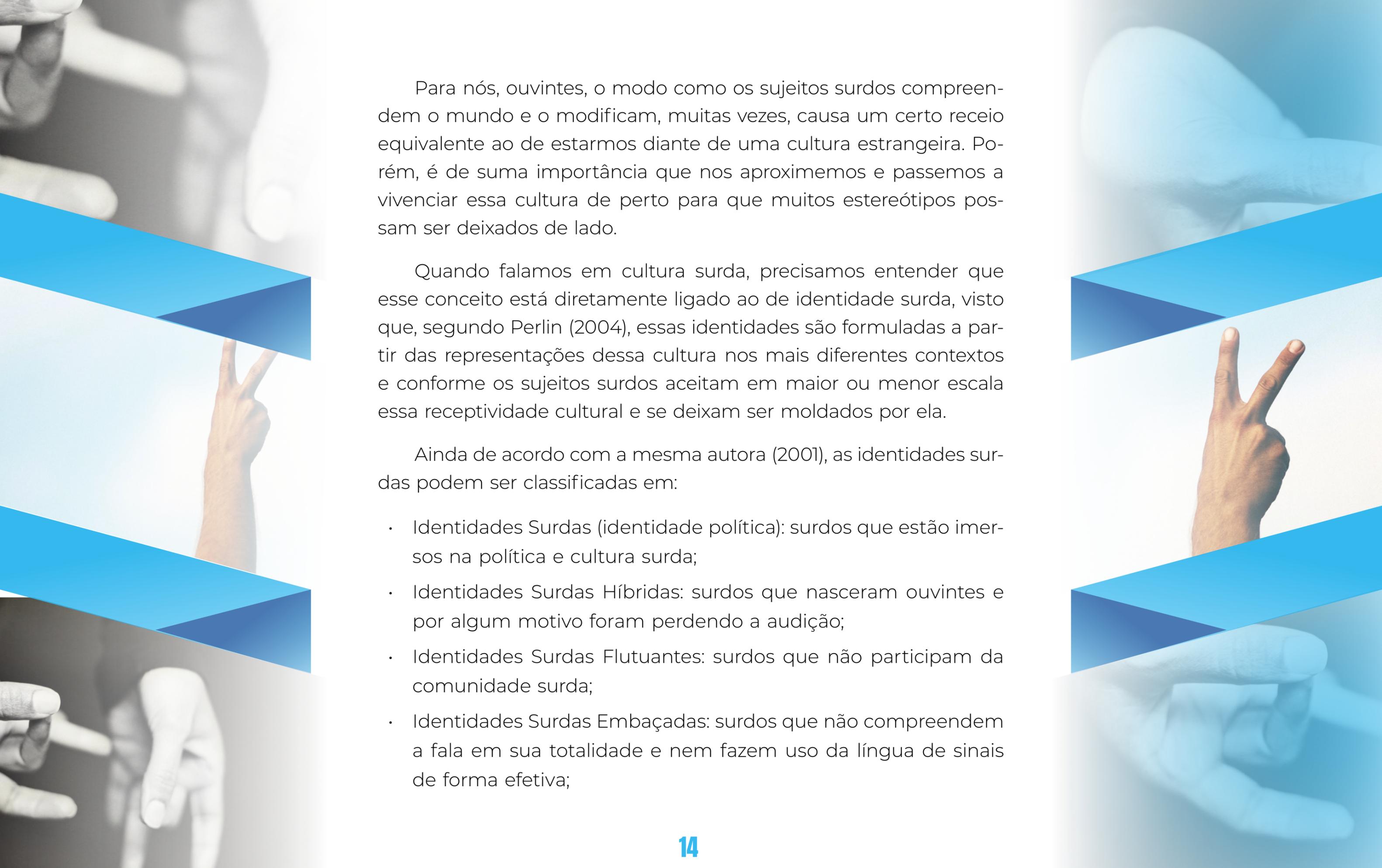


Para Hall (1997), somos interpelados pela cultura e é através dela que constituímos a nossa forma de ver, de ser, de explicar e de compreender o mundo. Cuche (2002, p. 10), por sua vez, afirma que “a cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza”.

A partir dessas breves definições, podemos entender a relevância que tem para o povo surdo mostrar a sua cultura e identidade como tentativa de romper com os possíveis estranhamentos que surgem no “choque” entre a cultura surda e a cultura ouvinte.

A cultura surda é, portanto, forjada no contato entre sujeitos que compartilham da mesma condição linguística, estabelecendo assim um grupo de identidade social. Ou seja, os surdos percebem o mundo de maneira visual e fazem uso da língua de sinais, que apresenta uma modalidade visual-espacial.

Para Strobel (2008, p. 25), “o essencial é entendermos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e de comportamentos”; valores esses que se originaram e foram repassados de geração em geração ou pela liderança surda.

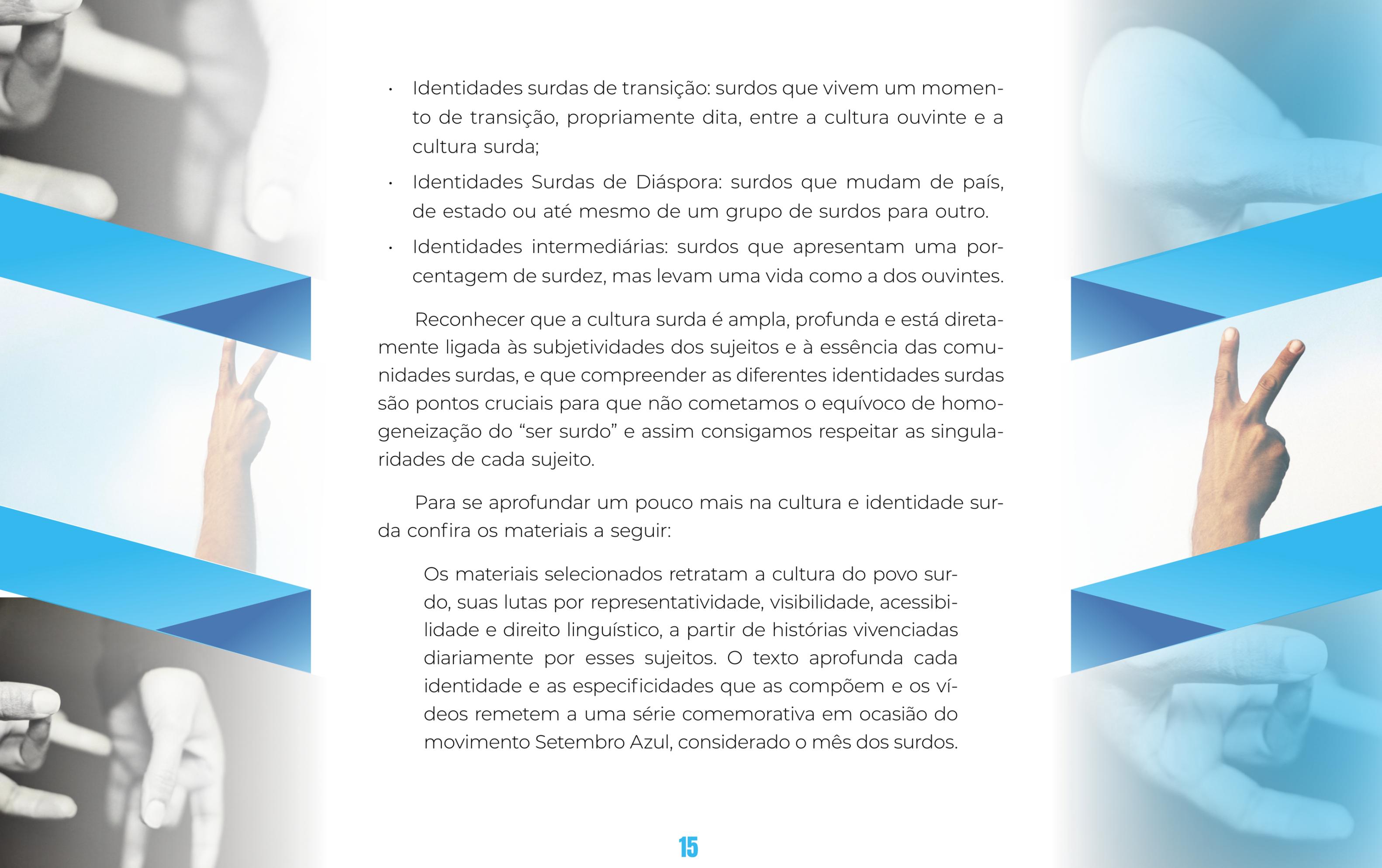


Para nós, ouvintes, o modo como os sujeitos surdos compreendem o mundo e o modificam, muitas vezes, causa um certo receio equivalente ao de estarmos diante de uma cultura estrangeira. Porém, é de suma importância que nos aproximemos e passemos a vivenciar essa cultura de perto para que muitos estereótipos possam ser deixados de lado.

Quando falamos em cultura surda, precisamos entender que esse conceito está diretamente ligado ao de identidade surda, visto que, segundo Perlin (2004), essas identidades são formuladas a partir das representações dessa cultura nos mais diferentes contextos e conforme os sujeitos surdos aceitam em maior ou menor escala essa receptividade cultural e se deixam ser moldados por ela.

Ainda de acordo com a mesma autora (2001), as identidades surdas podem ser classificadas em:

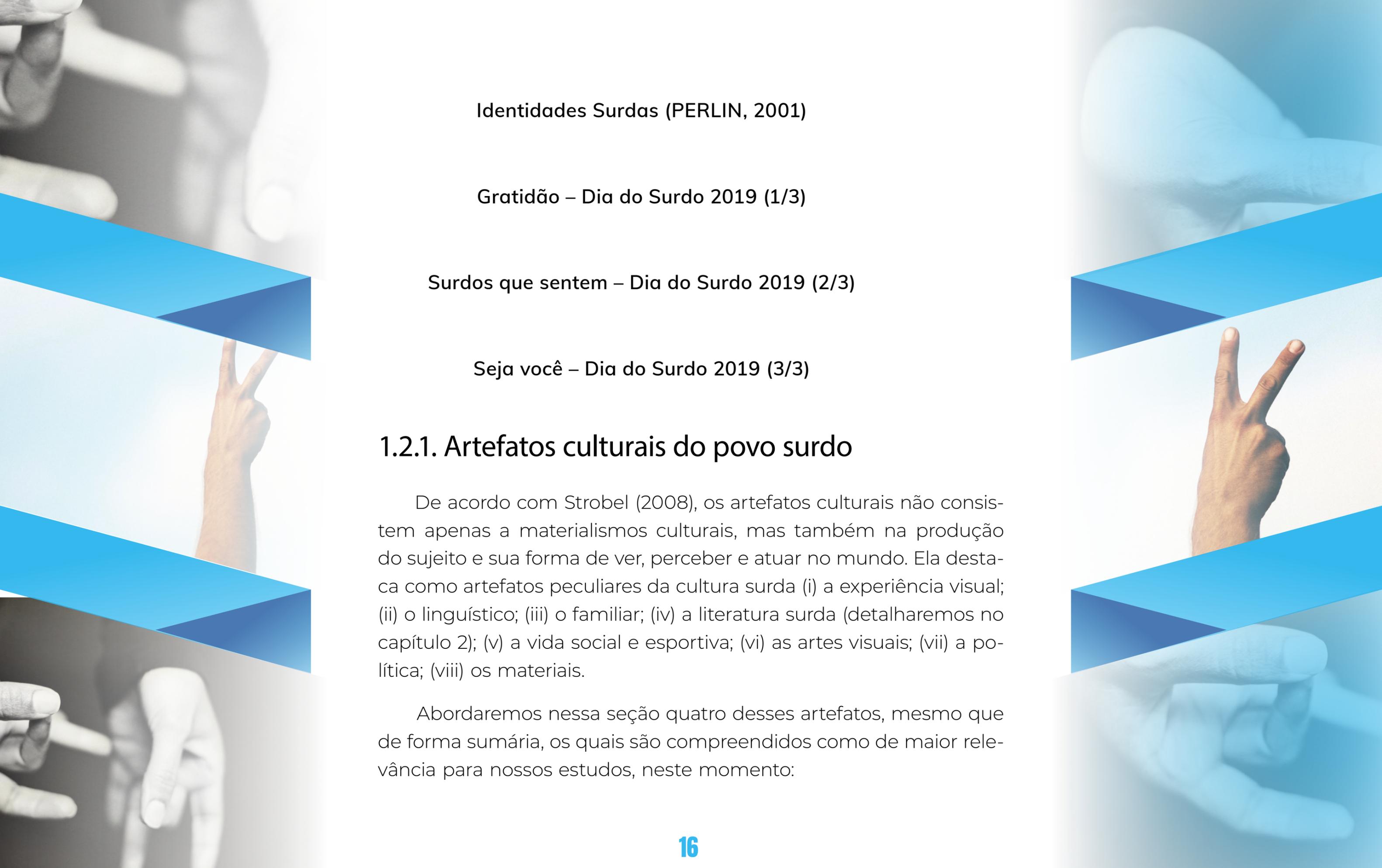
- Identidades Surdas (identidade política): surdos que estão imersos na política e cultura surda;
- Identidades Surdas Híbridas: surdos que nasceram ouvintes e por algum motivo foram perdendo a audição;
- Identidades Surdas Flutuantes: surdos que não participam da comunidade surda;
- Identidades Surdas Embaçadas: surdos que não compreendem a fala em sua totalidade e nem fazem uso da língua de sinais de forma efetiva;

- 
- Identidades surdas de transição: surdos que vivem um momento de transição, propriamente dita, entre a cultura ouvinte e a cultura surda;
 - Identidades Surdas de Diáspora: surdos que mudam de país, de estado ou até mesmo de um grupo de surdos para outro.
 - Identidades intermediárias: surdos que apresentam uma porcentagem de surdez, mas levam uma vida como a dos ouvintes.

Reconhecer que a cultura surda é ampla, profunda e está diretamente ligada às subjetividades dos sujeitos e à essência das comunidades surdas, e que compreender as diferentes identidades surdas são pontos cruciais para que não cometamos o equívoco de homogeneização do “ser surdo” e assim consigamos respeitar as singularidades de cada sujeito.

Para se aprofundar um pouco mais na cultura e identidade surda confira os materiais a seguir:

Os materiais selecionados retratam a cultura do povo surdo, suas lutas por representatividade, visibilidade, acessibilidade e direito linguístico, a partir de histórias vivenciadas diariamente por esses sujeitos. O texto aprofunda cada identidade e as especificidades que as compõem e os vídeos remetem a uma série comemorativa em ocasião do movimento Setembro Azul, considerado o mês dos surdos.



Identidades Surdas (PERLIN, 2001)

Gratidão – Dia do Surdo 2019 (1/3)

Surdos que sentem – Dia do Surdo 2019 (2/3)

Seja você – Dia do Surdo 2019 (3/3)

1.2.1. Artefatos culturais do povo surdo

De acordo com Strobel (2008), os artefatos culturais não consistem apenas a materialismos culturais, mas também na produção do sujeito e sua forma de ver, perceber e atuar no mundo. Ela destaca como artefatos peculiares da cultura surda (i) a experiência visual; (ii) o linguístico; (iii) o familiar; (iv) a literatura surda (detalharemos no capítulo 2); (v) a vida social e esportiva; (vi) as artes visuais; (vii) a política; (viii) os materiais.

Abordaremos nessa seção quatro desses artefatos, mesmo que de forma sumária, os quais são compreendidos como de maior relevância para nossos estudos, neste momento:

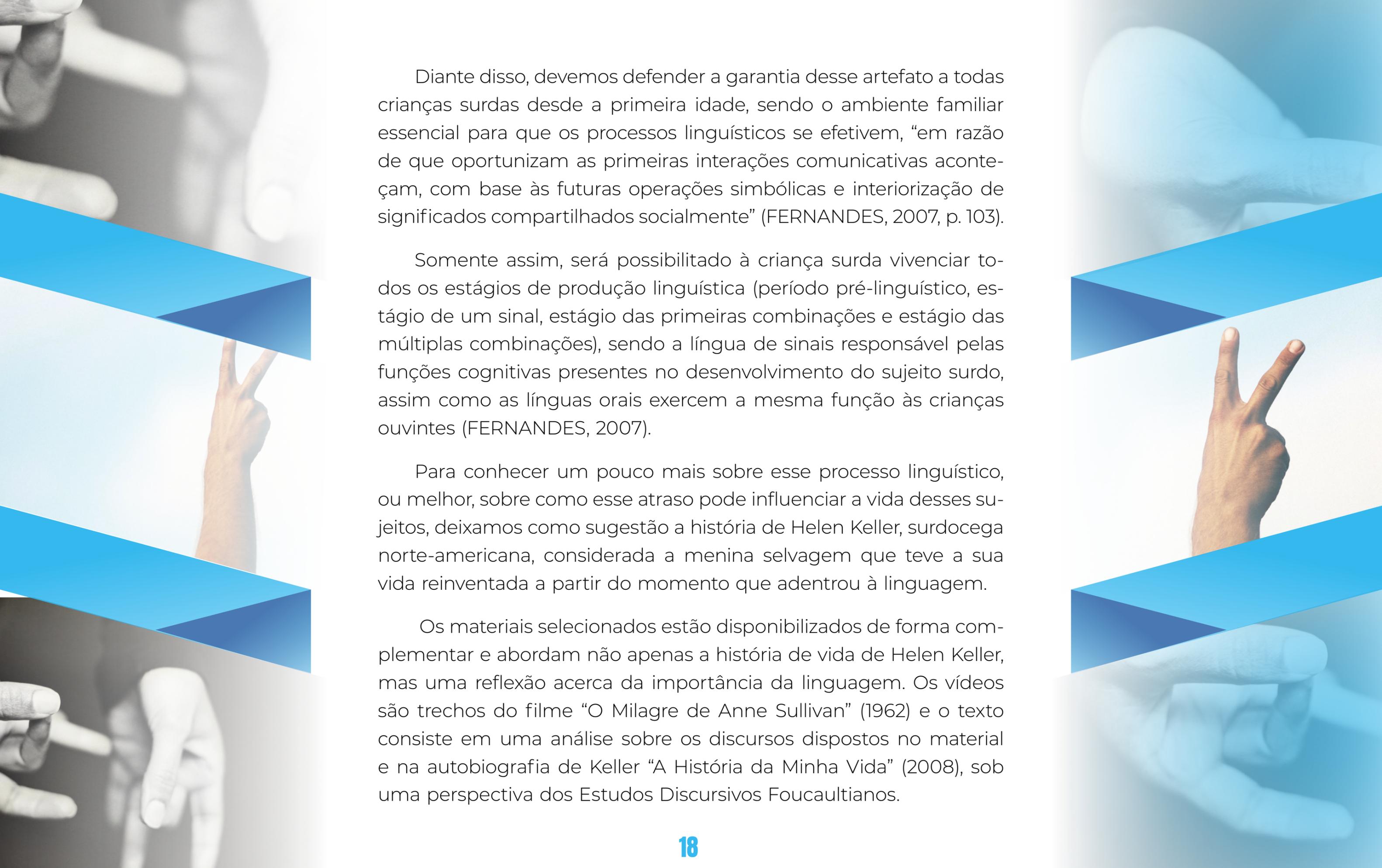
Artefato cultural: experiência visual

É a maneira que os sujeitos surdos compensam a ausência de audição e percebem o mundo através dos olhos e da observância aos movimentos e às expressões faciais e corporais. Podemos definir esse artefato pelas palavras de Strobel (2008, p. 24), “[...] jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais”, e, assim, com suas lutas, conquistar espaços na sociedade. Esse artefato é essencial para a consolidação de todos os outros.

Artefato cultural: linguístico

Representa uma das conquistas do povo surdo, o direito linguístico. A Libras foi oficializada como língua dos surdos brasileiros por meio da Lei 10. 436/2002, regulamentada pelo Decreto 5.626/2005. Atualmente, os surdos têm sido protagonistas em diversos campos e a peça fundamental para que esses espaços sejam alcançados é a *LÍNGUA*.

A língua de sinais faz parte da identidade do surdo e quanto mais cedo a aquisição dessa língua acontecer, mais o sujeito se desenvolverá e entenderá o mundo ao seu redor. Na mesma intensidade, a aquisição tardia da linguagem tem representado grandes prejuízos aos surdos, principalmente no que tange ao seu desenvolvimento educacional.

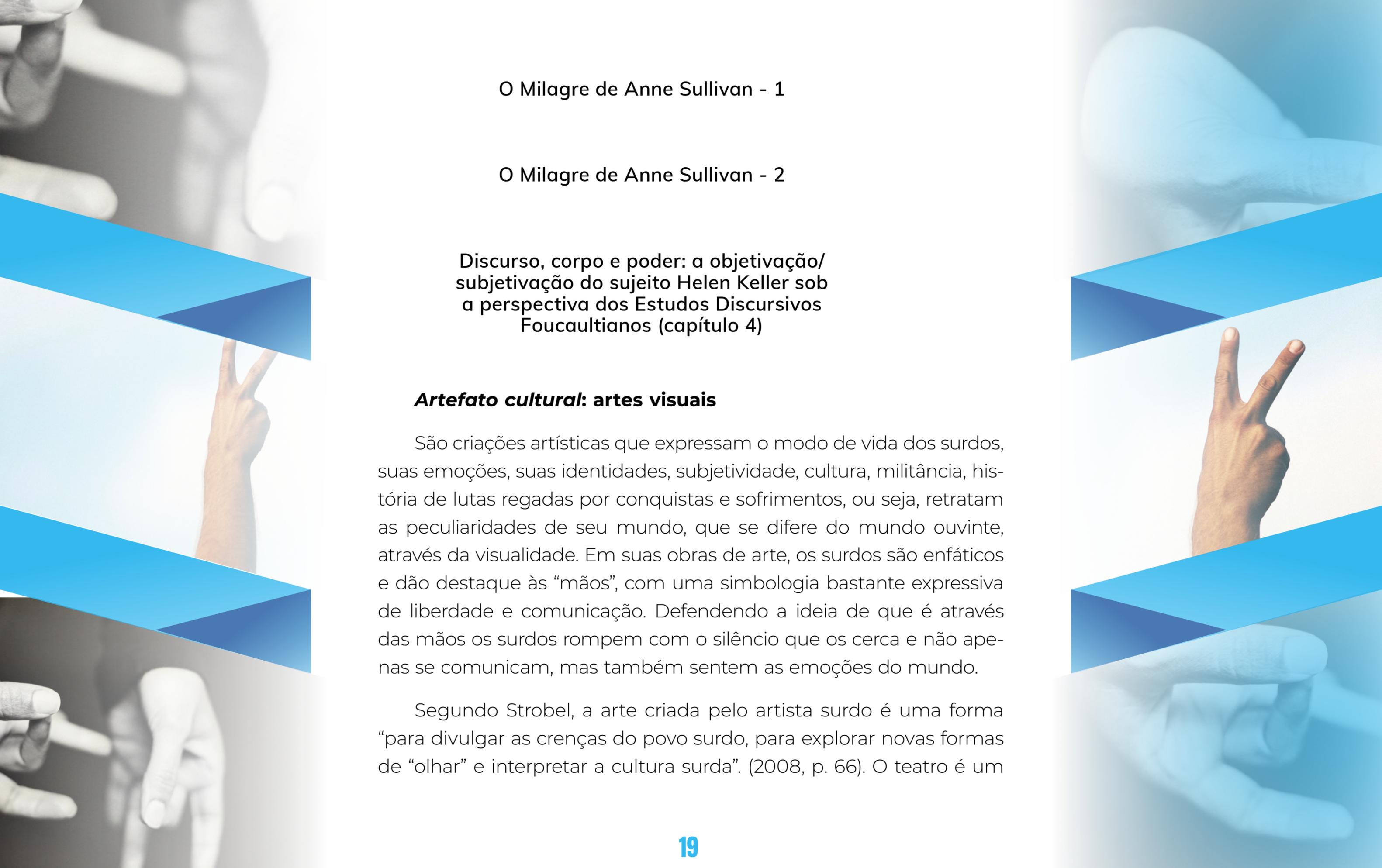


Diante disso, devemos defender a garantia desse artefato a todas crianças surdas desde a primeira idade, sendo o ambiente familiar essencial para que os processos linguísticos se efetivem, “em razão de que oportunizam as primeiras interações comunicativas aconteçam, com base às futuras operações simbólicas e interiorização de significados compartilhados socialmente” (FERNANDES, 2007, p. 103).

Somente assim, será possibilitado à criança surda vivenciar todos os estágios de produção linguística (período pré-linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações e estágio das múltiplas combinações), sendo a língua de sinais responsável pelas funções cognitivas presentes no desenvolvimento do sujeito surdo, assim como as línguas orais exercem a mesma função às crianças ouvintes (FERNANDES, 2007).

Para conhecer um pouco mais sobre esse processo linguístico, ou melhor, sobre como esse atraso pode influenciar a vida desses sujeitos, deixamos como sugestão a história de Helen Keller, surdocega norte-americana, considerada a menina selvagem que teve a sua vida reinventada a partir do momento que adentrou à linguagem.

Os materiais selecionados estão disponibilizados de forma complementar e abordam não apenas a história de vida de Helen Keller, mas uma reflexão acerca da importância da linguagem. Os vídeos são trechos do filme “O Milagre de Anne Sullivan” (1962) e o texto consiste em uma análise sobre os discursos dispostos no material e na autobiografia de Keller “A História da Minha Vida” (2008), sob uma perspectiva dos Estudos Discursivos Foucaultianos.



O Milagre de Anne Sullivan - 1

O Milagre de Anne Sullivan - 2

Discurso, corpo e poder: a objetivação/
subjetivação do sujeito Helen Keller sob
a perspectiva dos Estudos Discursivos
Foucaultianos (capítulo 4)

Artefato cultural: artes visuais

São criações artísticas que expressam o modo de vida dos surdos, suas emoções, suas identidades, subjetividade, cultura, militância, história de lutas regadas por conquistas e sofrimentos, ou seja, retratam as peculiaridades de seu mundo, que se difere do mundo ouvinte, através da visualidade. Em suas obras de arte, os surdos são enfáticos e dão destaque às “mãos”, com uma simbologia bastante expressiva de liberdade e comunicação. Defendendo a ideia de que é através das mãos os surdos rompem com o silêncio que os cerca e não apenas se comunicam, mas também sentem as emoções do mundo.

Segundo Strobel, a arte criada pelo artista surdo é uma forma “para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de “olhar” e interpretar a cultura surda”. (2008, p. 66). O teatro é um

espaço que tem retratado cada vez mais o empoderamento dos sujeitos surdos no campo das artes e, atualmente, é possível encontrar muitos surdos atores, mímicos, clown, drags, comediantes, poetas e tradutores, que não só ocupam os palcos de grandes teatros, mas também vão às ruas para expressar sua arte, como por exemplo por meio de Slam de resistência surda.

Vejamos alguns exemplos através de três composições selecionadas da *I Mostra de Arte Surda: Protagonismo Surdo* - evento realizado no ano de 2019, em Guarapuava-PR, sob a organização do Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná – CAS Regional Oeste – que contou com desenhos de alunos surdos da rede estadual do Paraná para demonstrar o protagonismo surdo e retratar, mesmo que minimamente, as lutas, a história, a cultura e a identidade do povo surdo.

Figura 2: I Mostra de Arte Surda



Fonte: CAS Regional Oeste.

Figura 3: I Mostra de Arte Surda



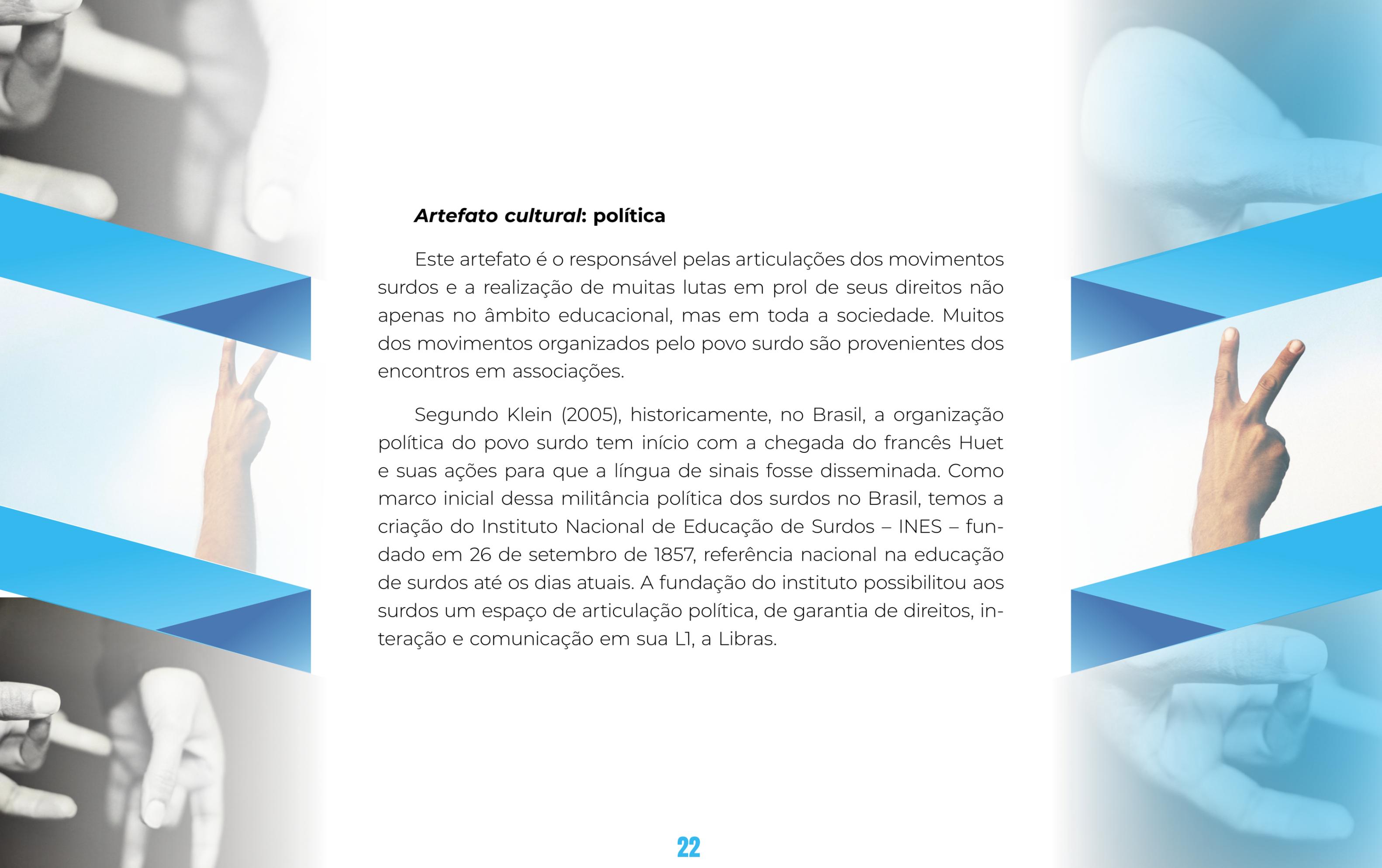
Fonte: CAS Regional Oeste.

Figura 4: I Mostra de Arte Surda



Fonte: CAS Regional Oeste.

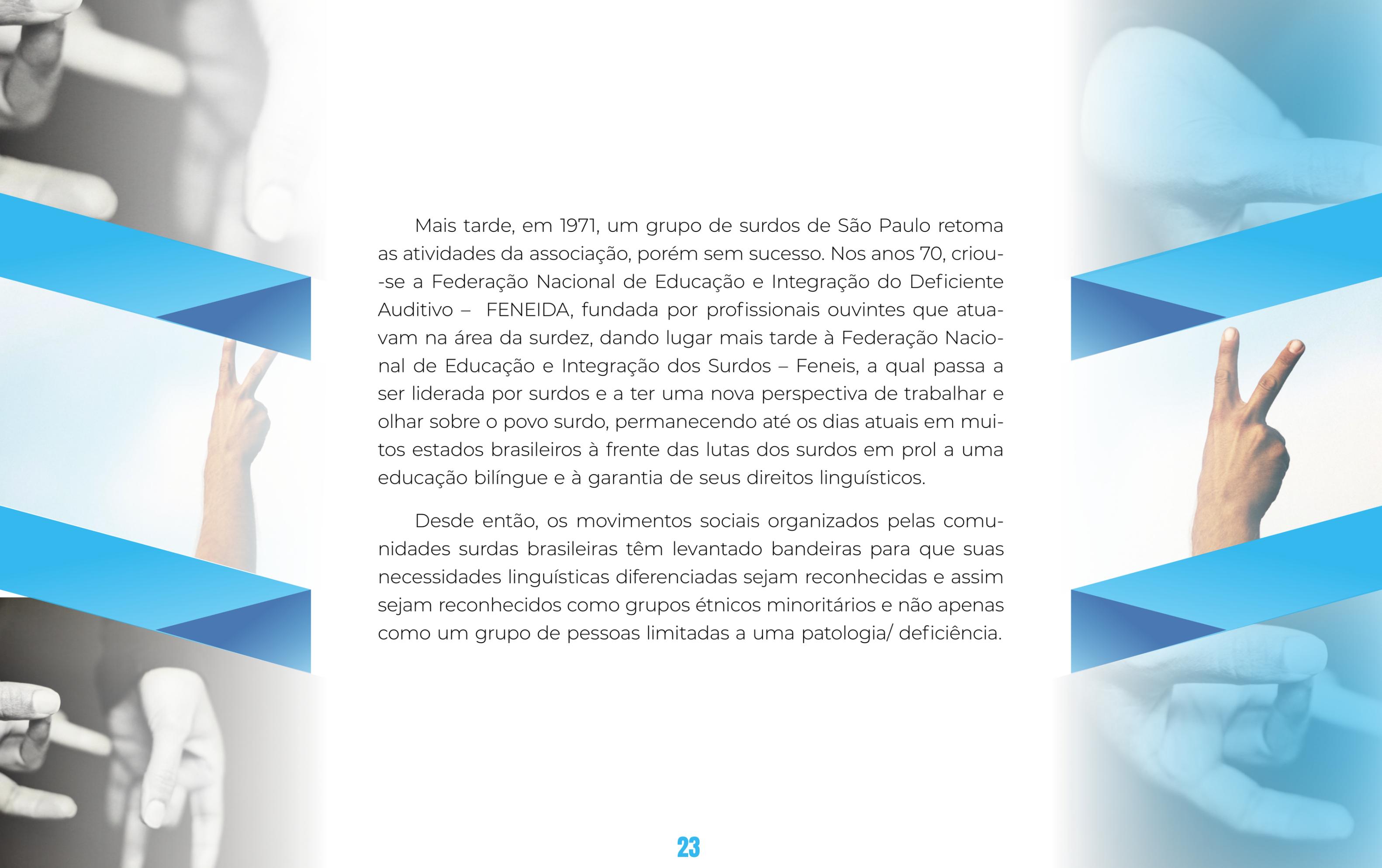
Ao fazermos uma breve leitura das composições, é notável algumas características, supracitadas, da cultura surda. Na figura 2, podemos notar a visibilidade das mãos, ou seja, o uso da Libras em todos os lugares; na figura 3, temos uma composição que mostra uma identidade surda dividida entre o uso do implante coclear e o uso da Libras; e, na figura 4, a liberdade de comunicação expressa pelas mãos que rompem com as algemas que antes as aprisionavam.



Artefato cultural: política

Este artefato é o responsável pelas articulações dos movimentos surdos e a realização de muitas lutas em prol de seus direitos não apenas no âmbito educacional, mas em toda a sociedade. Muitos dos movimentos organizados pelo povo surdo são provenientes dos encontros em associações.

Segundo Klein (2005), historicamente, no Brasil, a organização política do povo surdo tem início com a chegada do francês Huet e suas ações para que a língua de sinais fosse disseminada. Como marco inicial dessa militância política dos surdos no Brasil, temos a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES – fundado em 26 de setembro de 1857, referência nacional na educação de surdos até os dias atuais. A fundação do instituto possibilitou aos surdos um espaço de articulação política, de garantia de direitos, interação e comunicação em sua L1, a Libras.



Mais tarde, em 1971, um grupo de surdos de São Paulo retoma as atividades da associação, porém sem sucesso. Nos anos 70, criou-se a Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo – FENEIDA, fundada por profissionais ouvintes que atuavam na área da surdez, dando lugar mais tarde à Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis, a qual passa a ser liderada por surdos e a ter uma nova perspectiva de trabalhar e olhar sobre o povo surdo, permanecendo até os dias atuais em muitos estados brasileiros à frente das lutas dos surdos em prol a uma educação bilíngue e à garantia de seus direitos linguísticos.

Desde então, os movimentos sociais organizados pelas comunidades surdas brasileiras têm levantado bandeiras para que suas necessidades linguísticas diferenciadas sejam reconhecidas e assim sejam reconhecidos como grupos étnicos minoritários e não apenas como um grupo de pessoas limitadas a uma patologia/ deficiência.

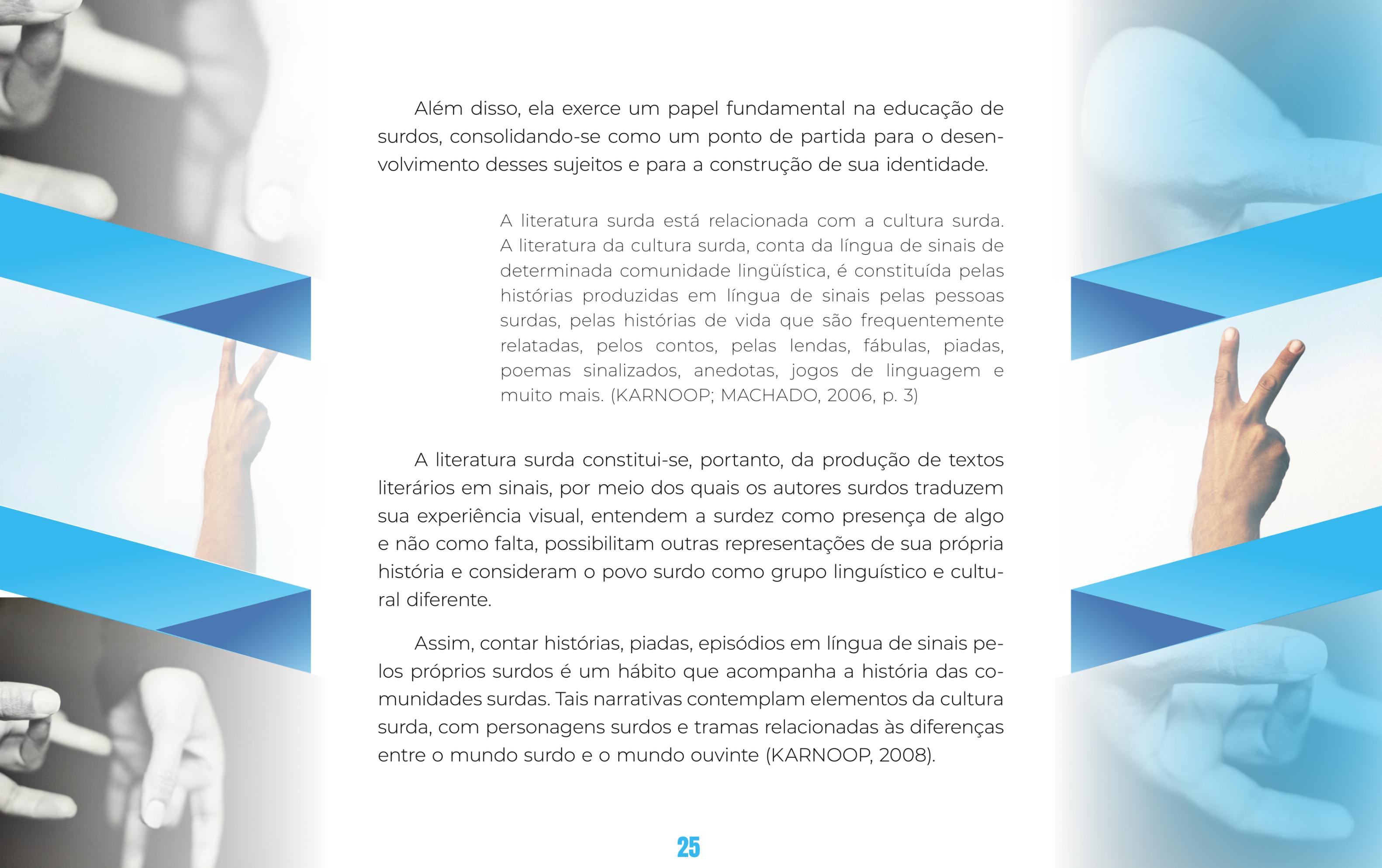
2. Literatura Surda

Neste capítulo, conheceremos um pouco mais do artefato cultural Literatura Surda, o qual tem se destacado e alcançado espaços que outrora eram restritos à cultura e à literatura ouvinte.

Partindo de um conceito geral, Segundo Candido (1989), a literatura, constitui-se como um direito básico de todo ser humano e atua na formação dos sujeitos, ou seja, ela tem função e papel humanizador. Para ele,

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1989, p. 113)

Pautando-se na afirmação de Candido, podemos compreender que a literatura surda exerce sobre o povo surdo esse papel humanizador, possibilitando aos sujeitos surdos, desde a infância, a garantia a esse direito que é crucial a todo ser humano. É através da literatura surda que os surdos expressam não apenas suas subjetividades, mas retratam toda uma história de lutas marcada por adversidades e realizações.

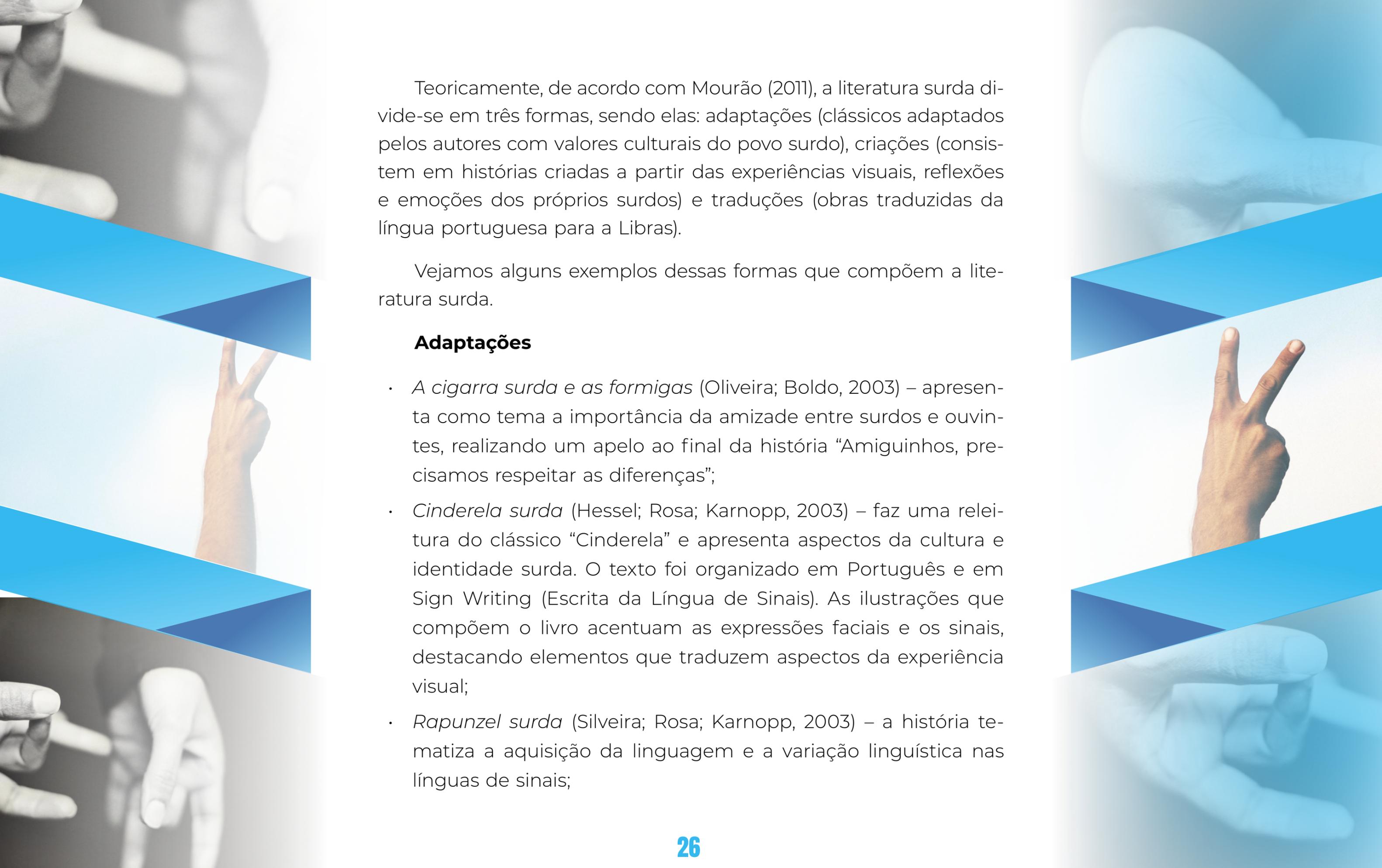


Além disso, ela exerce um papel fundamental na educação de surdos, consolidando-se como um ponto de partida para o desenvolvimento desses sujeitos e para a construção de sua identidade.

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, conta da língua de sinais de determinada comunidade lingüística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. (KARNOOP; MACHADO, 2006, p. 3)

A literatura surda constitui-se, portanto, da produção de textos literários em sinais, por meio dos quais os autores surdos traduzem sua experiência visual, entendem a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitam outras representações de sua própria história e consideram o povo surdo como grupo linguístico e cultural diferente.

Assim, contar histórias, piadas, episódios em língua de sinais pelos próprios surdos é um hábito que acompanha a história das comunidades surdas. Tais narrativas contemplam elementos da cultura surda, com personagens surdos e tramas relacionadas às diferenças entre o mundo surdo e o mundo ouvinte (KARNOOP, 2008).

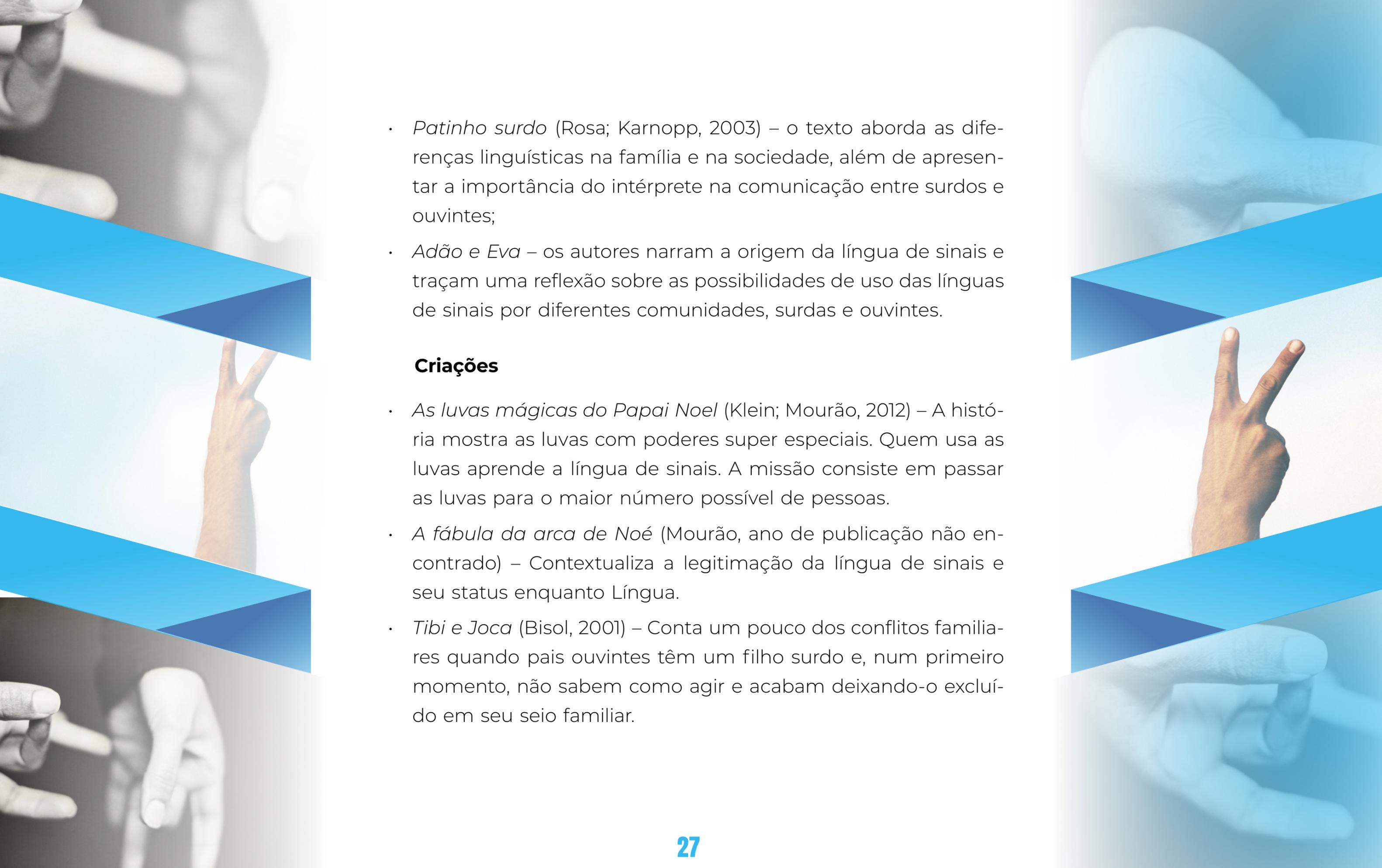


Teoricamente, de acordo com Mourão (2011), a literatura surda divide-se em três formas, sendo elas: adaptações (clássicos adaptados pelos autores com valores culturais do povo surdo), criações (consistem em histórias criadas a partir das experiências visuais, reflexões e emoções dos próprios surdos) e traduções (obras traduzidas da língua portuguesa para a Libras).

Vejamos alguns exemplos dessas formas que compõem a literatura surda.

Adaptações

- *A cigarra surda e as formigas* (Oliveira; Boldo, 2003) – apresenta como tema a importância da amizade entre surdos e ouvintes, realizando um apelo ao final da história “Amiguinhos, precisamos respeitar as diferenças”;
- *Cinderela surda* (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003) – faz uma releitura do clássico “Cinderela” e apresenta aspectos da cultura e identidade surda. O texto foi organizado em Português e em Sign Writing (Escrita da Língua de Sinais). As ilustrações que compõem o livro acentuam as expressões faciais e os sinais, destacando elementos que traduzem aspectos da experiência visual;
- *Rapunzel surda* (Silveira; Rosa; Karnopp, 2003) – a história tematiza a aquisição da linguagem e a variação linguística nas línguas de sinais;

- 
- *Patinho surdo* (Rosa; Karnopp, 2003) – o texto aborda as diferenças linguísticas na família e na sociedade, além de apresentar a importância do intérprete na comunicação entre surdos e ouvintes;
 - *Adão e Eva* – os autores narram a origem da língua de sinais e traçam uma reflexão sobre as possibilidades de uso das línguas de sinais por diferentes comunidades, surdas e ouvintes.

Criações

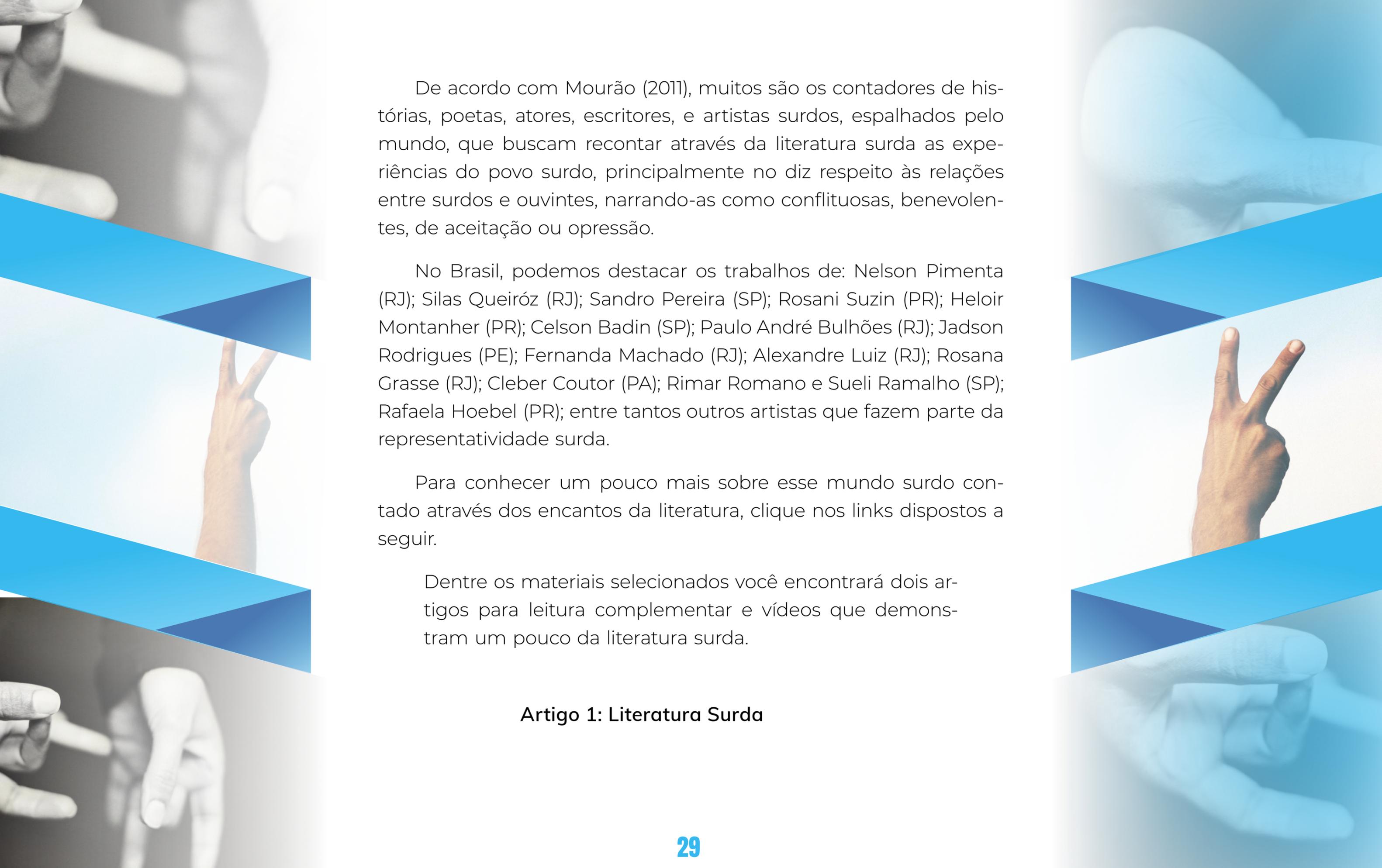
- *As luvas mágicas do Papai Noel* (Klein; Mourão, 2012) – A história mostra as luvas com poderes super especiais. Quem usa as luvas aprende a língua de sinais. A missão consiste em passar as luvas para o maior número possível de pessoas.
- *A fábula da arca de Noé* (Mourão, ano de publicação não encontrado) – Contextualiza a legitimação da língua de sinais e seu status enquanto Língua.
- *Tibi e Joca* (Bisol, 2001) – Conta um pouco dos conflitos familiares quando pais ouvintes têm um filho surdo e, num primeiro momento, não sabem como agir e acabam deixando-o excluído em seu seio familiar.

Traduções

Materiais que contam com o trabalho de um tradutor intérprete, os quais realizam a tradução de clássicos da literatura universal e/ou brasileira para a Libras, tais como:

- *Alice no País das Maravilhas;*
- *As aventuras de Pinóquio;*
- *Iracema;*
- *O Alienista;*
- *O velho da Horta;*
- *A Cartomante;*
- *Peter Pan;*
- Entre outros materiais que podem facilmente ser encontrados no site da editora Arara Azul, que atualmente é a editora que mais produz materiais acessíveis em Libras).

Editora Arara Azul



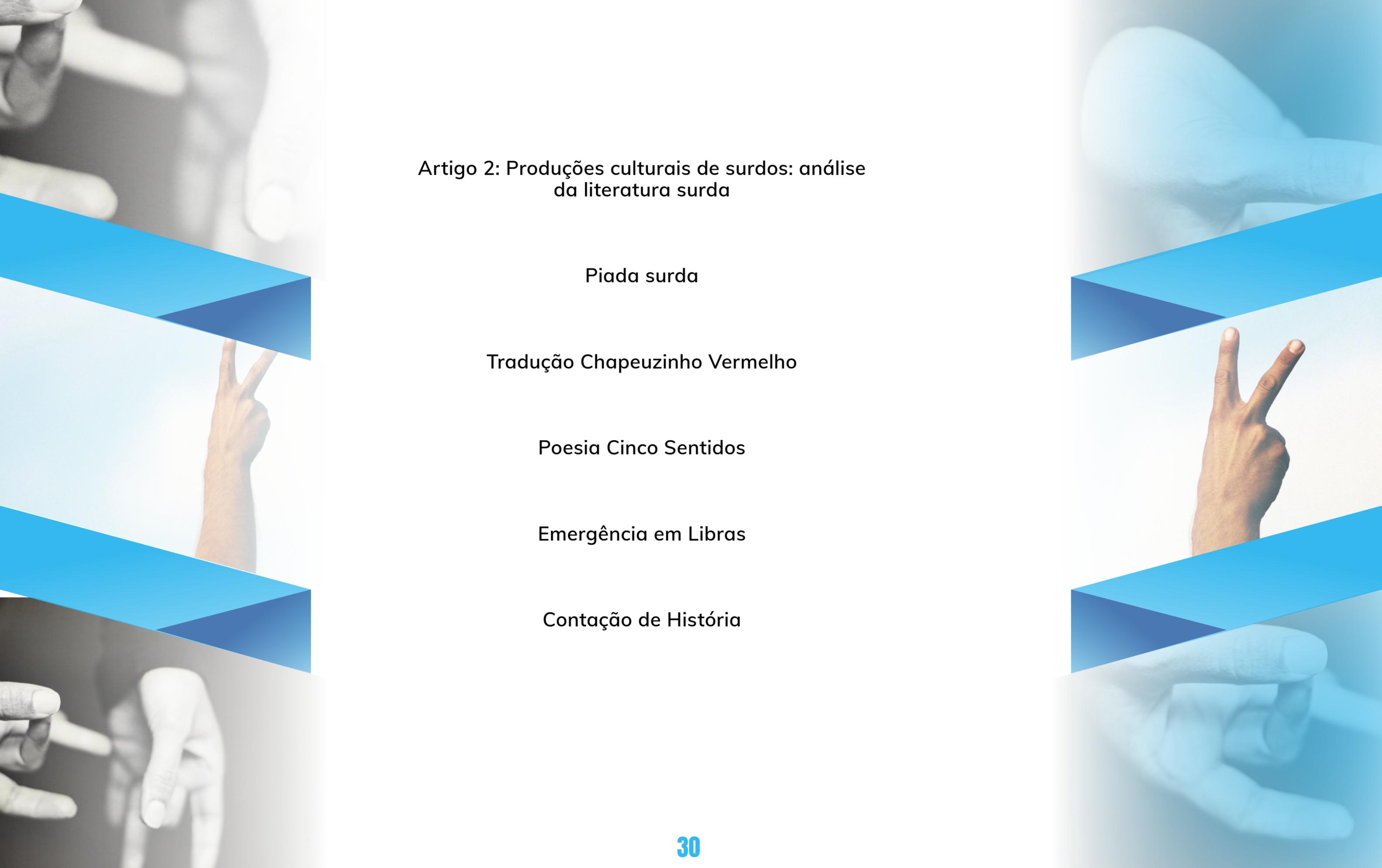
De acordo com Mourão (2011), muitos são os contadores de histórias, poetas, atores, escritores, e artistas surdos, espalhados pelo mundo, que buscam recontar através da literatura surda as experiências do povo surdo, principalmente no diz respeito às relações entre surdos e ouvintes, narrando-as como conflituosas, benevolentes, de aceitação ou opressão.

No Brasil, podemos destacar os trabalhos de: Nelson Pimenta (RJ); Silas Queiróz (RJ); Sandro Pereira (SP); Rosani Suzin (PR); Heloir Montanher (PR); Celson Badin (SP); Paulo André Bulhões (RJ); Jadson Rodrigues (PE); Fernanda Machado (RJ); Alexandre Luiz (RJ); Rosana Grasse (RJ); Cleber Coutor (PA); Rimar Romano e Sueli Ramalho (SP); Rafaela Hoebel (PR); entre tantos outros artistas que fazem parte da representatividade surda.

Para conhecer um pouco mais sobre esse mundo surdo contado através dos encantos da literatura, clique nos links dispostos a seguir.

Dentre os materiais selecionados você encontrará dois artigos para leitura complementar e vídeos que demonstram um pouco da literatura surda.

Artigo 1: Literatura Surda



Artigo 2: Produções culturais de surdos: análise
da literatura surda

Piada surda

Tradução Chapeuzinho Vermelho

Poesia Cinco Sentidos

Emergência em Libras

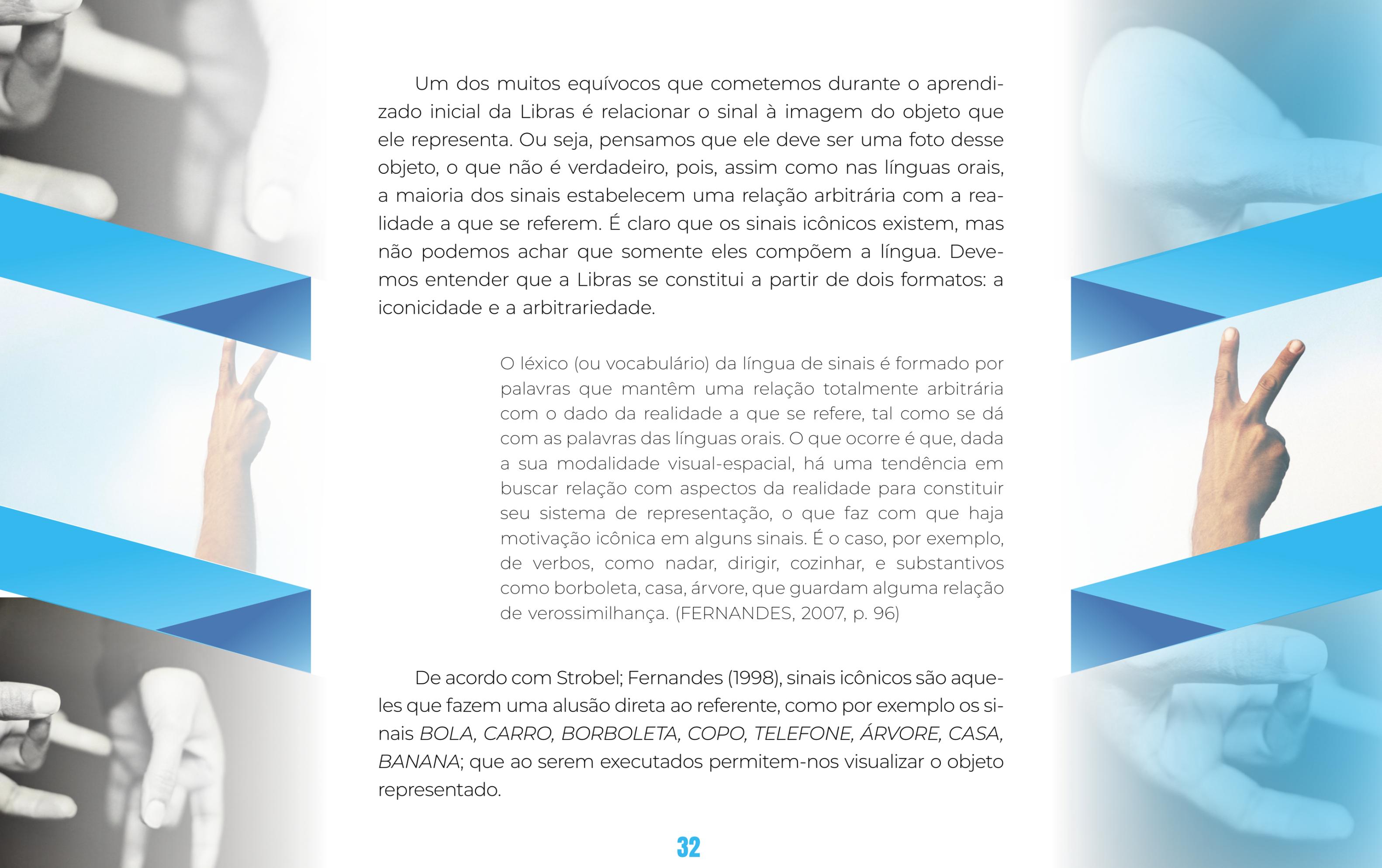
Contação de História

3. Aspectos linguísticos da Libras

Afinal, Libras? Que língua é essa? (GESSER, 2009). Neste terceiro capítulo, tentamos responder a essa indagação que, por muitas vezes, se passa em nossa cabeça quando iniciamos os estudos da Libras. Buscando mostrar, para além dos sinais, a sua estrutura que lhe atribui o status de língua.

A língua de sinais, de modo geral, é tão antiga quanto a humanidade, pois sempre houve uma forma e/ou tentativa de comunicação vista como “diferente” entre aqueles que não ouviam. Porém, os estudos linguísticos em torno da língua de sinais ainda são muito recentes. A saber, de acordo com Fernandes (2007, p. 94), “no Brasil, os primeiros estudos formais da língua brasileira de sinais datam da década de 1980. Nesses poucos anos de pesquisas, há uma significativa produção acadêmica e literária que nos apontam à complexidade estrutural e funcional dessa língua”.

A Libras é definida, portanto, como uma língua que se difere das línguas orais-auditivas, apresentando uma modalidade visual-espacial por se utilizar da visão e de elementos faciais e corporais, constituídos através de movimentos realizados em um espaço, para sua apropriação. Temos então os sinais, ou seja, as unidades dotadas de sentido que compreendem um sistema linguístico, e não apenas gestos ou mímicas (como entendido por muitas pessoas que não têm conhecimento da língua).

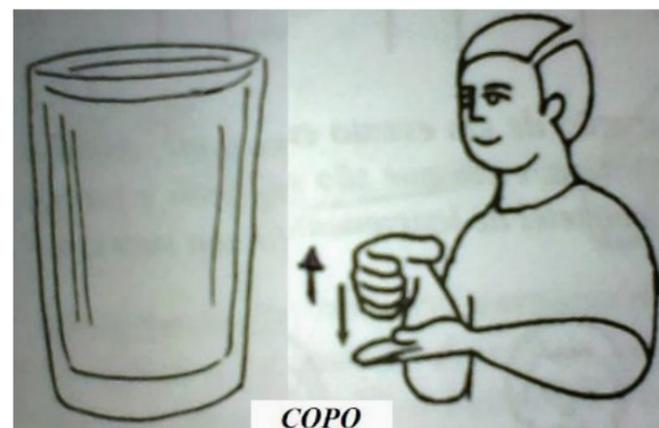


Um dos muitos equívocos que cometemos durante o aprendizado inicial da Libras é relacionar o sinal à imagem do objeto que ele representa. Ou seja, pensamos que ele deve ser uma foto desse objeto, o que não é verdadeiro, pois, assim como nas línguas orais, a maioria dos sinais estabelecem uma relação arbitrária com a realidade a que se referem. É claro que os sinais icônicos existem, mas não podemos achar que somente eles compõem a língua. Devemos entender que a Libras se constitui a partir de dois formatos: a iconicidade e a arbitrariedade.

O léxico (ou vocabulário) da língua de sinais é formado por palavras que mantêm uma relação totalmente arbitrária com o dado da realidade a que se refere, tal como se dá com as palavras das línguas orais. O que ocorre é que, dada a sua modalidade visual-espacial, há uma tendência em buscar relação com aspectos da realidade para constituir seu sistema de representação, o que faz com que haja motivação icônica em alguns sinais. É o caso, por exemplo, de verbos, como nadar, dirigir, cozinhar, e substantivos como borboleta, casa, árvore, que guardam alguma relação de verossimilhança. (FERNANDES, 2007, p. 96)

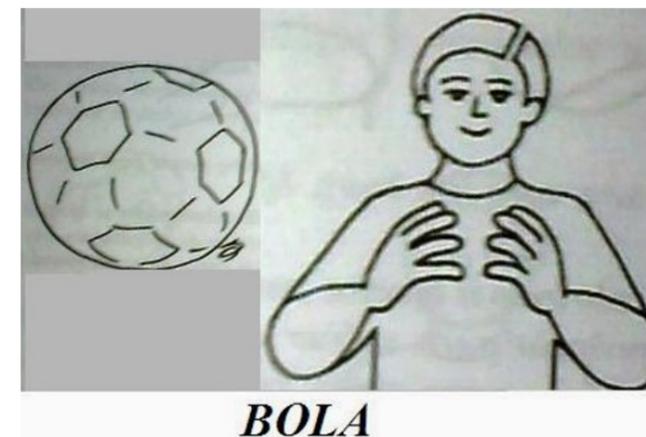
De acordo com Strobel; Fernandes (1998), sinais icônicos são aqueles que fazem uma alusão direta ao referente, como por exemplo os sinais *BOLA*, *CARRO*, *BORBOLETA*, *COPO*, *TELEFONE*, *ÁRVORE*, *CASA*, *BANANA*; que ao serem executados permitem-nos visualizar o objeto representado.

Figura 4: Sinais icônicos



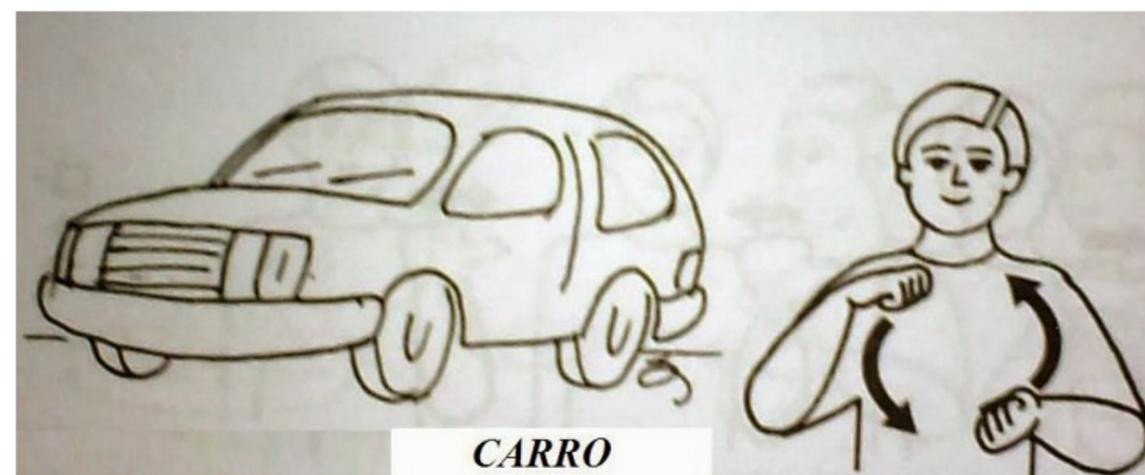
Fonte: renta-libras.blogspot.com

Figura 5: Sinais icônicos



Fonte: renta-libras.blogspot.com

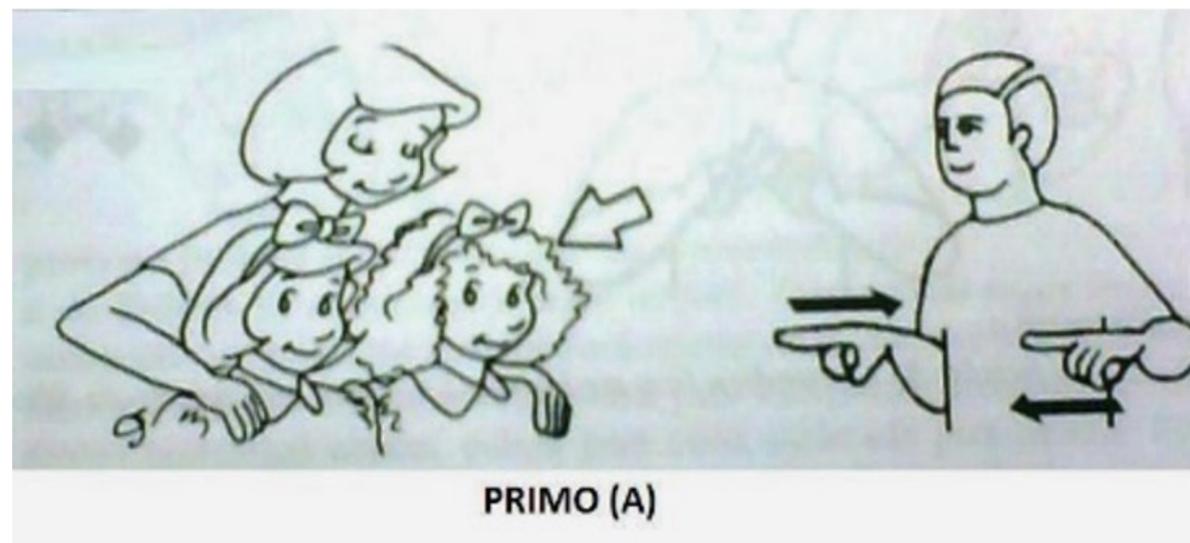
Figura 6: Sinais icônicos



Fonte: renta-libras.blogspot.com

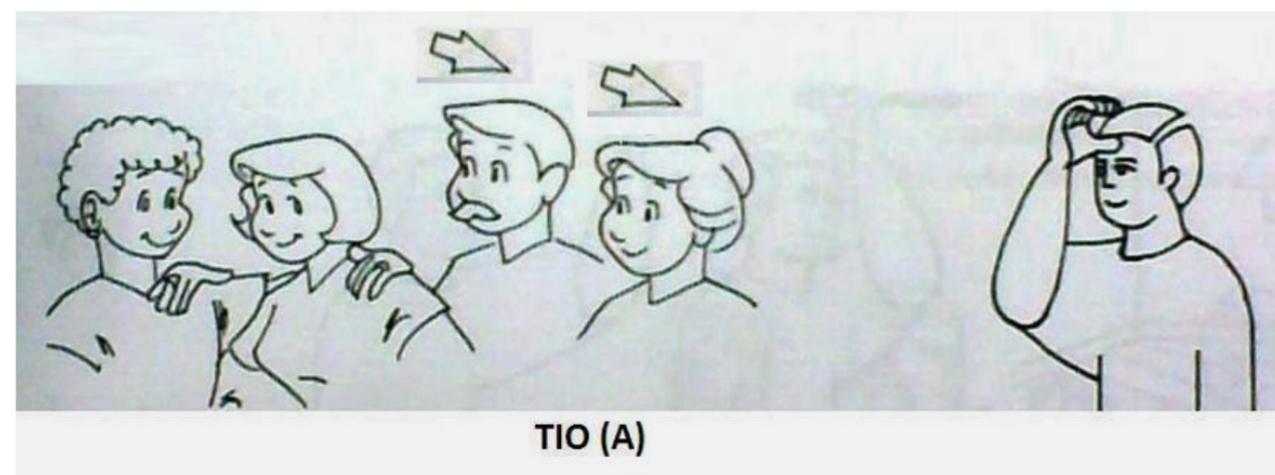
Ainda conforme Strobel; Fernandes (1998), os sinais arbitrários compõem um dos princípios básicos de uma língua, a arbitrariedade. Trata-se daqueles sinais que não mantêm nenhuma relação entre significante e referente, e são incontáveis.

Figura 7: Sinais arbitrários

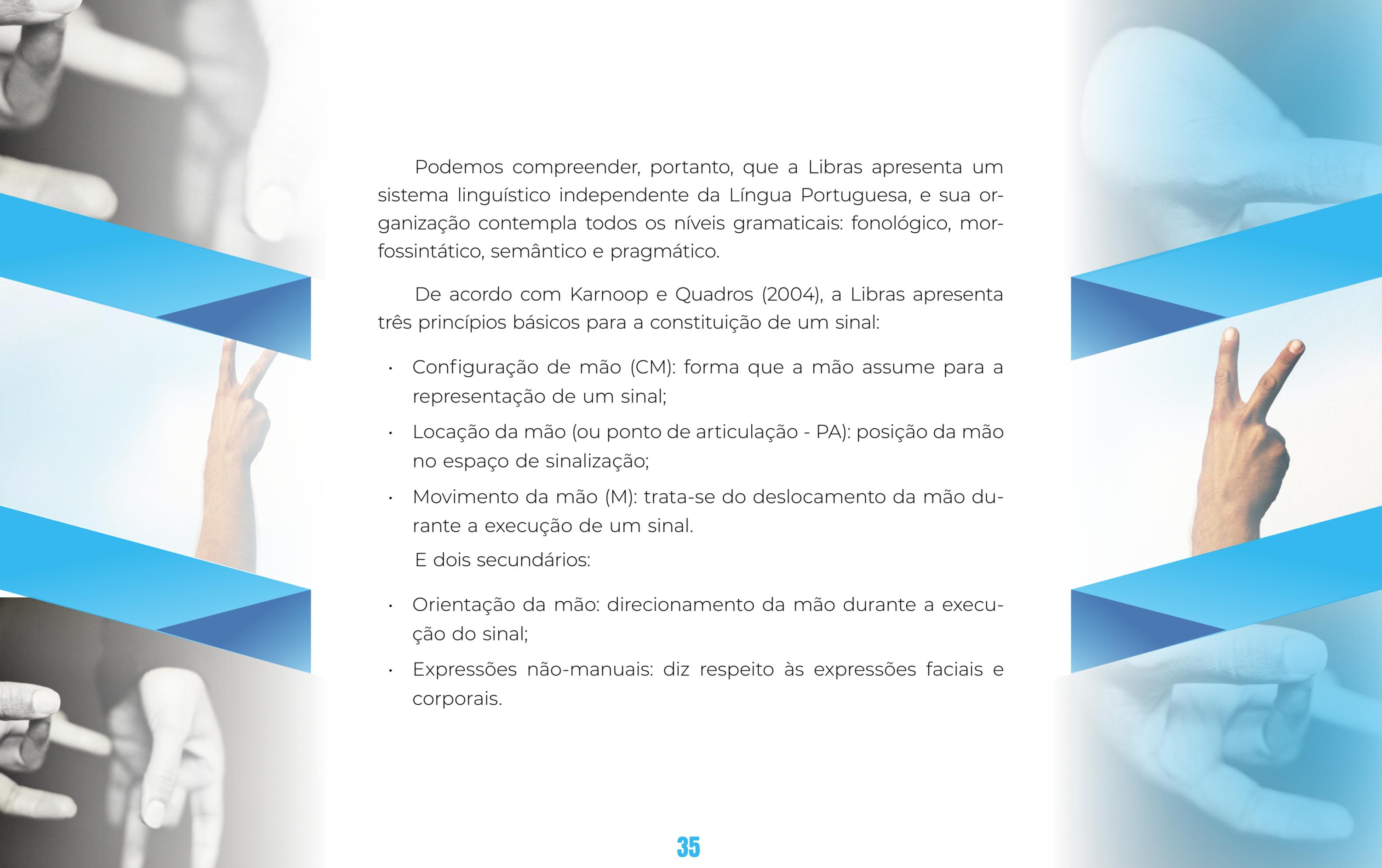


Fonte: renta-libras.blogspot.com

Figura 8: Sinais arbitrários



Fonte: renta-libras.blogspot.com



Podemos compreender, portanto, que a Libras apresenta um sistema linguístico independente da Língua Portuguesa, e sua organização contempla todos os níveis gramaticais: fonológico, morfosintático, semântico e pragmático.

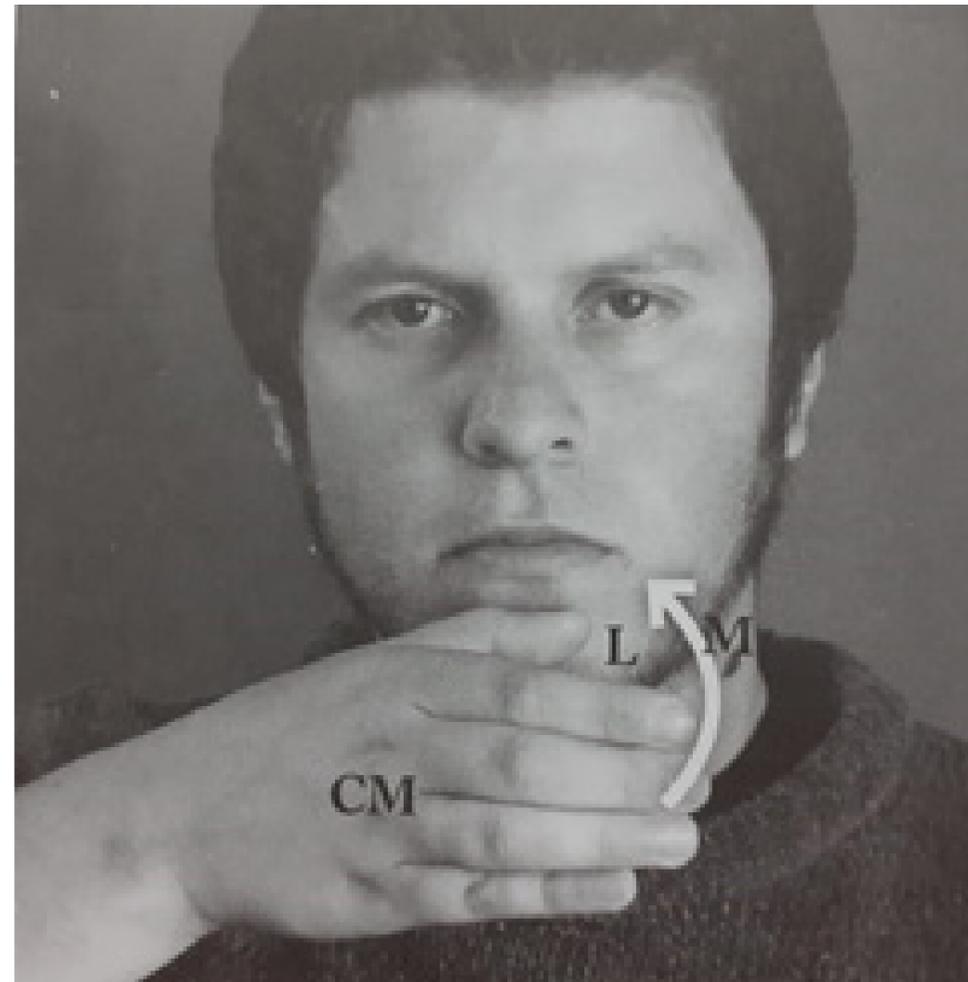
De acordo com Karnoop e Quadros (2004), a Libras apresenta três princípios básicos para a constituição de um sinal:

- Configuração de mão (CM): forma que a mão assume para a representação de um sinal;
- Locação da mão (ou ponto de articulação - PA): posição da mão no espaço de sinalização;
- Movimento da mão (M): trata-se do deslocamento da mão durante a execução de um sinal.

E dois secundários:

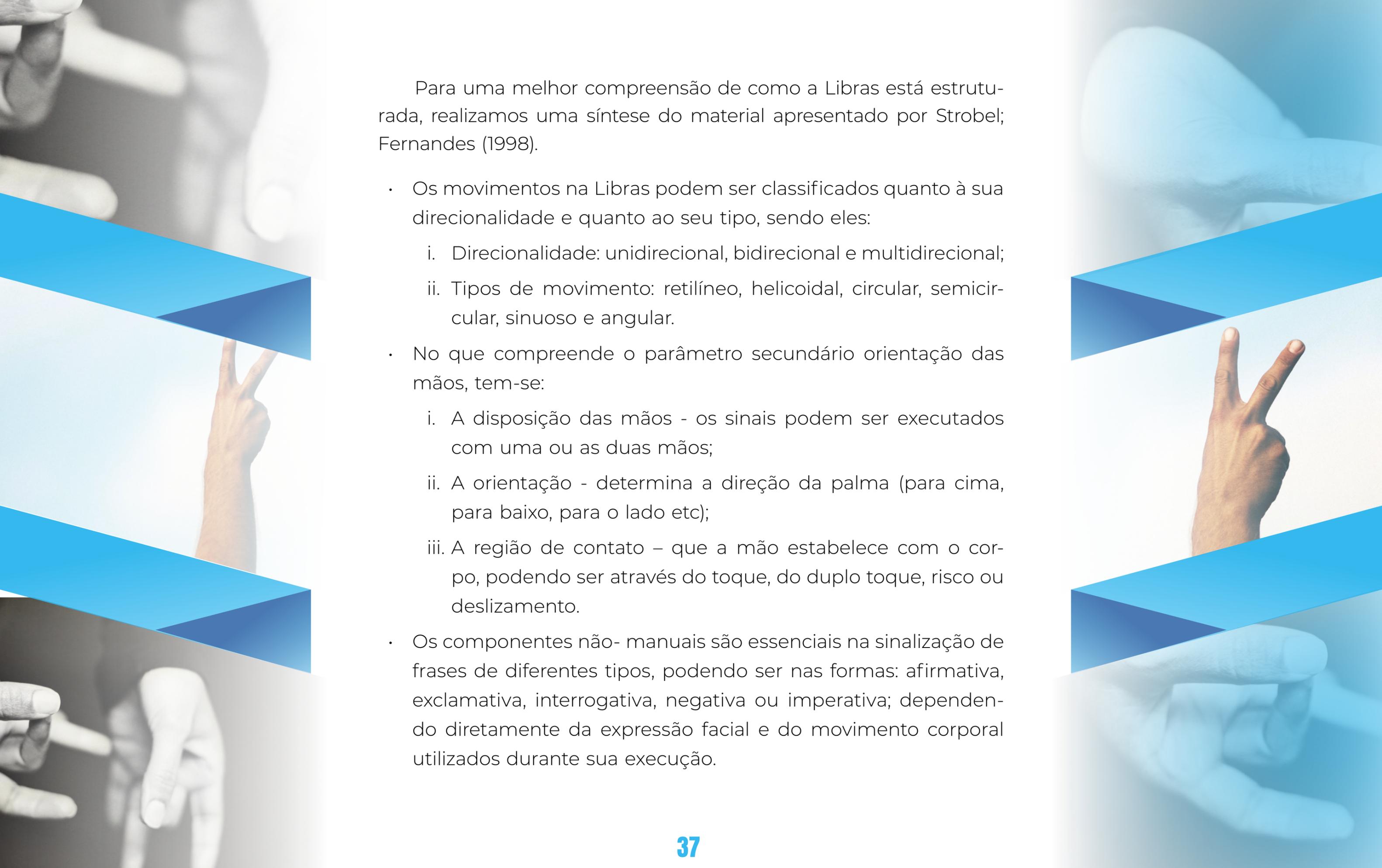
- Orientação da mão: direcionamento da mão durante a execução do sinal;
- Expressões não-manuais: diz respeito às expressões faciais e corporais.

Figura 9: Parâmetros principais da Libras



Fonte: FERNANDES, 2007, p. 98.

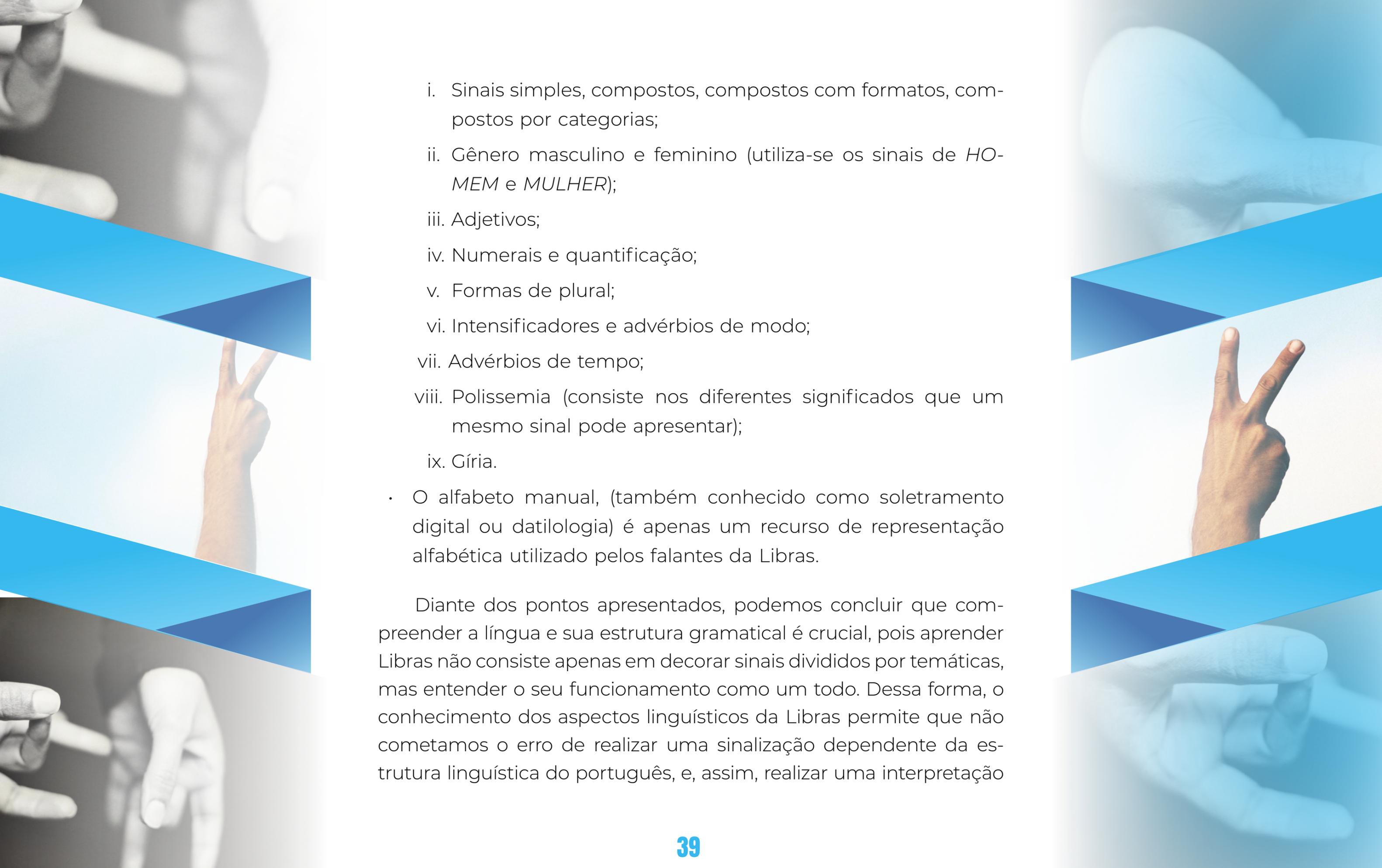
Confira algumas das configurações de mãos existentes. Vale ressaltar que conforme os estudos linguísticos em torno da Libras se intensificam, abre-se possibilidades para novas descobertas, sendo esse um fator preponderante para a evolução do número de CM encontrados na Libras.



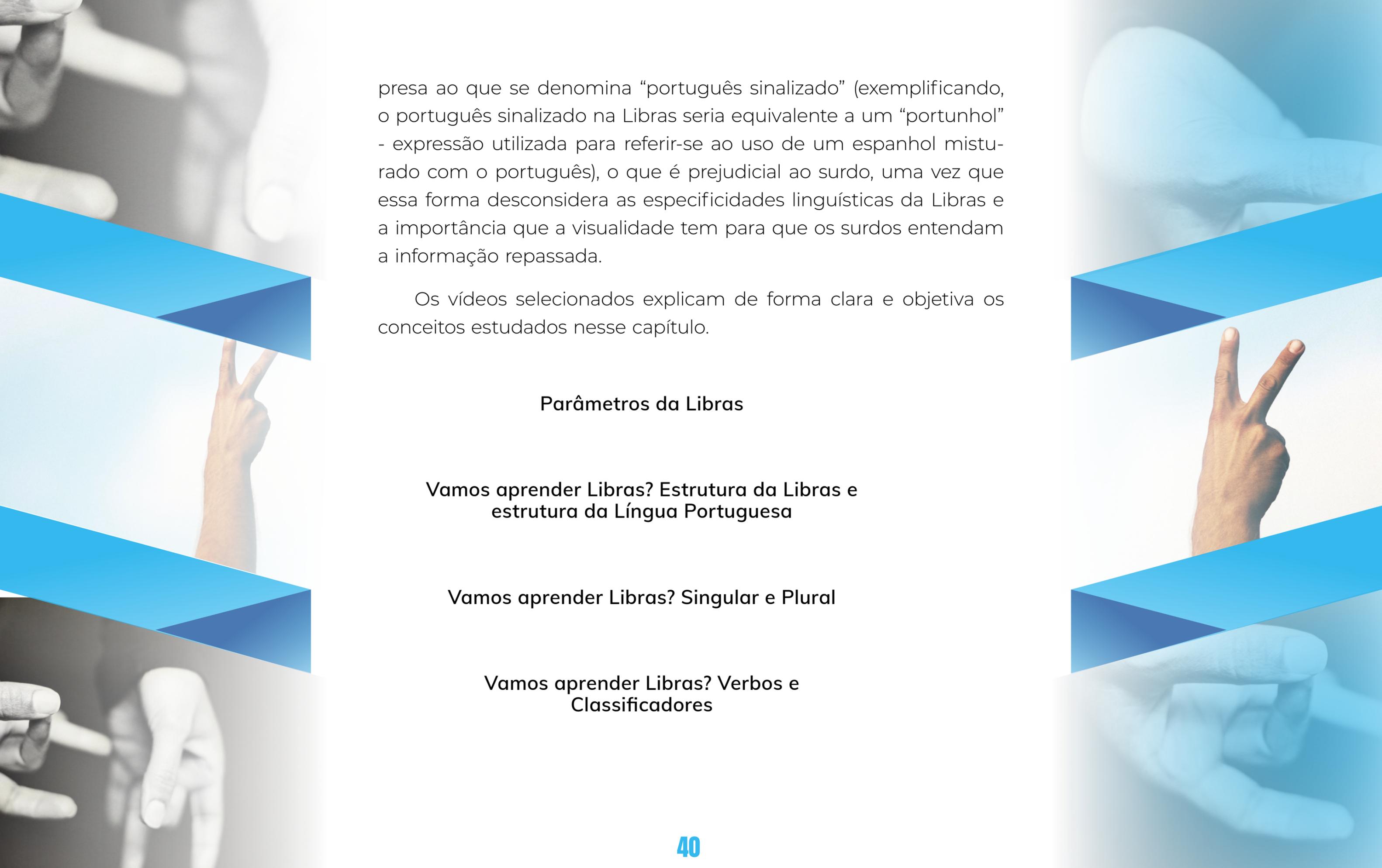
Para uma melhor compreensão de como a Libras está estruturada, realizamos uma síntese do material apresentado por Strobel; Fernandes (1998).

- Os movimentos na Libras podem ser classificados quanto à sua direcionalidade e quanto ao seu tipo, sendo eles:
 - i. Direcionalidade: unidirecional, bidirecional e multidirecional;
 - ii. Tipos de movimento: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso e angular.
- No que compreende o parâmetro secundário orientação das mãos, tem-se:
 - i. A disposição das mãos - os sinais podem ser executados com uma ou as duas mãos;
 - ii. A orientação - determina a direção da palma (para cima, para baixo, para o lado etc);
 - iii. A região de contato – que a mão estabelece com o corpo, podendo ser através do toque, do duplo toque, risco ou deslizamento.
- Os componentes não- manuais são essenciais na sinalização de frases de diferentes tipos, podendo ser nas formas: afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa; dependendo diretamente da expressão facial e do movimento corporal utilizados durante sua execução.

- A estrutura sintática da Libras pode ser estudada conforme sua subdivisão:
 - i. Sistema pronominal – pronomes pessoais (singular, dual, trial, quatrial, plural); pronomes demonstrativos; pronomes possessivos; pronomes interrogativos; pronomes indefinidos;
 - ii. Tipos de verbos - direcionais, não-direcionais, ancorados no corpo e incorporados no objeto;
 - iii. Tipos de frases (conforme já destacado junto aos componentes não-manuais);
 - iv. Noção temporal - marcada pelo acréscimo de sinais que indicam os tempos presente, passado e futuro.
 - v. Classificadores – ajudam a construir a estrutura sintática da Libras através de recursos corporais que possibilitam relações gramaticais abstratas. Eles dividem-se quanto à forma e tamanho dos seres (tipos de objetos) e quanto ao modo de segurar certos objetos, contando totalmente com o uso das expressões faciais para transmitir a ideia pretendida.
 - vi. Role-play – recurso utilizado nas contações de história para posicionar diferentes personagens e realizar a incorporação.
- Quanto à formação de sinais em Libras, eles podem ocorrer: por processos de derivação, composição ou empréstimo linguístico do português. Assim, temos:

- 
- i. Sinais simples, compostos, compostos com formatos, compostos por categorias;
 - ii. Gênero masculino e feminino (utiliza-se os sinais de *HO-MEM* e *MULHER*);
 - iii. Adjetivos;
 - iv. Numerais e quantificação;
 - v. Formas de plural;
 - vi. Intensificadores e advérbios de modo;
 - vii. Advérbios de tempo;
 - viii. Polissemia (consiste nos diferentes significados que um mesmo sinal pode apresentar);
 - ix. Gíria.
- O alfabeto manual, (também conhecido como soletramento digital ou datilologia) é apenas um recurso de representação alfabética utilizado pelos falantes da Libras.

Diante dos pontos apresentados, podemos concluir que compreender a língua e sua estrutura gramatical é crucial, pois aprender Libras não consiste apenas em decorar sinais divididos por temáticas, mas entender o seu funcionamento como um todo. Dessa forma, o conhecimento dos aspectos linguísticos da Libras permite que não cometamos o erro de realizar uma sinalização dependente da estrutura linguística do português, e, assim, realizar uma interpretação



presa ao que se denomina “português sinalizado” (exemplificando, o português sinalizado na Libras seria equivalente a um “portunhol” - expressão utilizada para referir-se ao uso de um espanhol misturado com o português), o que é prejudicial ao surdo, uma vez que essa forma desconsidera as especificidades linguísticas da Libras e a importância que a visualidade tem para que os surdos entendam a informação repassada.

Os vídeos selecionados explicam de forma clara e objetiva os conceitos estudados nesse capítulo.

Parâmetros da Libras

Vamos aprender Libras? Estrutura da Libras e estrutura da Língua Portuguesa

Vamos aprender Libras? Singular e Plural

Vamos aprender Libras? Verbos e Classificadores

4. Vocabulário: vamos treinar?

Embora essa disciplina tenha sido pensada em um caráter mais teórico da Libras, teoria e prática são indissociáveis. Partindo desse pressuposto, reservei esse espaço para possibilitar o enriquecimento de vocabulário a partir de alguns vídeos que não apenas ensinam sinais fechados em “caixinhas” temáticas, mas que ampliam nossa visão por meio dos contextos apresentados.

Espero que apreciem e treinem bastante!

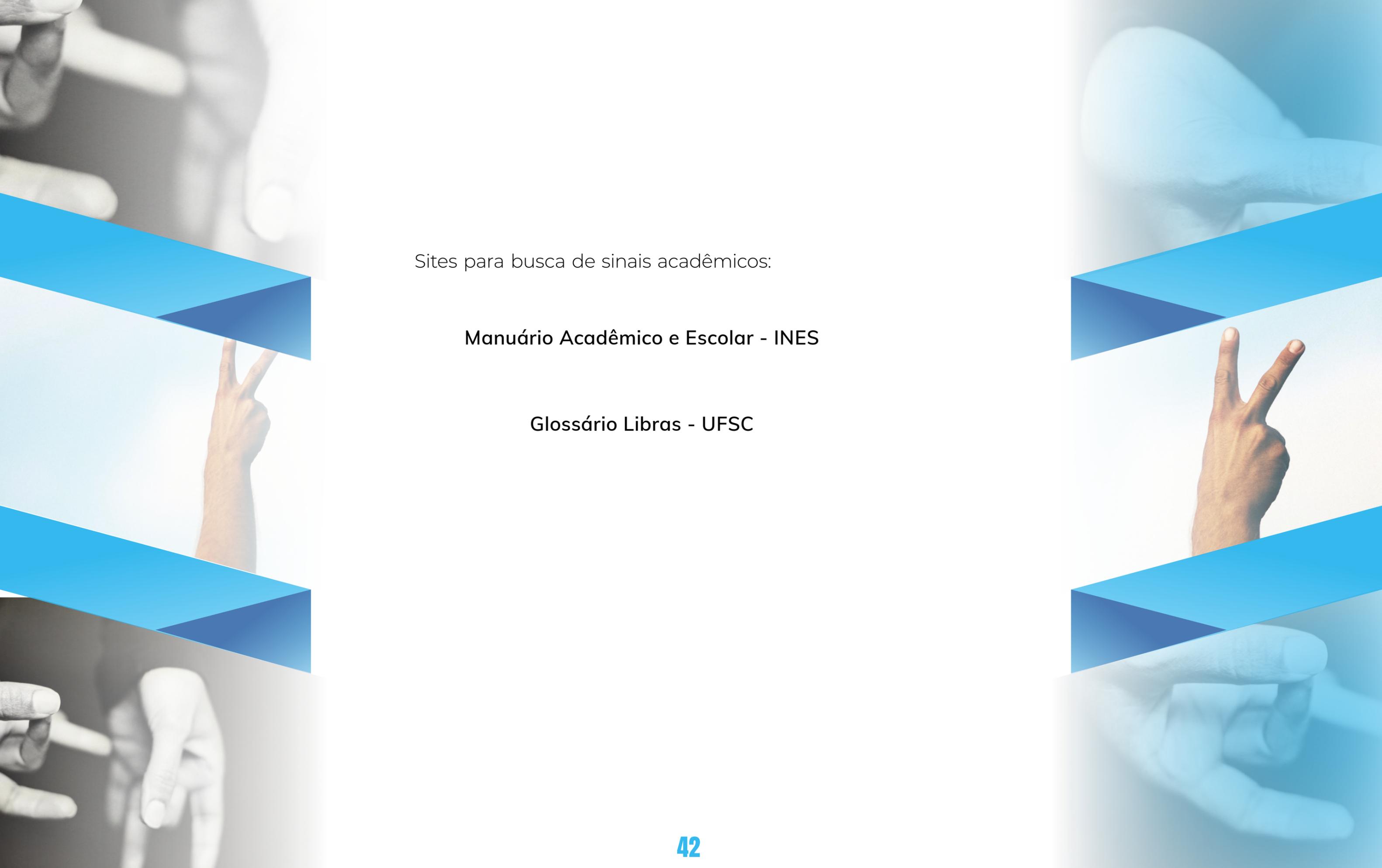
Classificadores

Redes Sociais

Supermercado I

Supermercado II

Instrumentos musicais



Sites para busca de sinais acadêmicos:

Manuário Acadêmico e Escolar - INES

Glossário Libras - UFSC

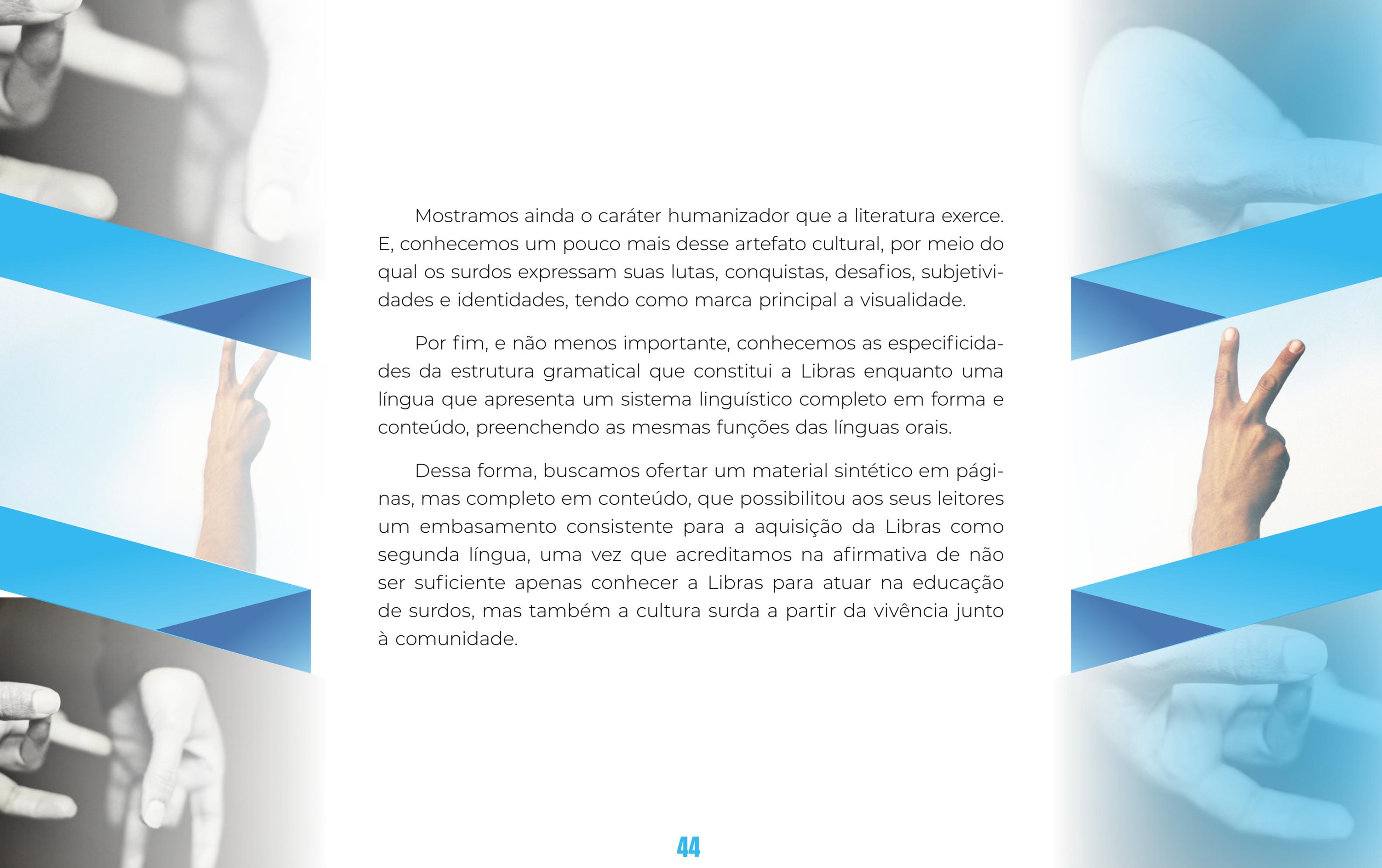
CONCLUSÃO

Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa... A língua é parte de nós mesmos... Quando aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los; devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdos...

(Terje Basilier, psiquiatra norueguês, 1993).

Este ebook teve como finalidade oferecer subsídios teóricos para a ampliação de conceitos envoltos no aprendizado da Libras como L2 para ouvintes. Na tentativa de uma aprendizagem efetiva, contextualizamos historicamente os discursos sobre a surdez, para que pudéssemos compreender como as vontades de verdade sobre o “corpo surdo” influenciaram/influenciam a constituição desse povo enquanto minoria cultural e linguística.

Vimos também a importância da valorização da cultura surda para que o povo surdo sinta-se ativo socialmente, bem como, entendemos ela tem se consolidado em um universo de maioria ouvinte; como os artefatos exercem um papel preponderante para que essa cultura permaneça ativa e seja disseminada.



Mostramos ainda o caráter humanizador que a literatura exerce. E, conhecemos um pouco mais desse artefato cultural, por meio do qual os surdos expressam suas lutas, conquistas, desafios, subjetividades e identidades, tendo como marca principal a visualidade.

Por fim, e não menos importante, conhecemos as especificidades da estrutura gramatical que constitui a Libras enquanto uma língua que apresenta um sistema linguístico completo em forma e conteúdo, preenchendo as mesmas funções das línguas orais.

Dessa forma, buscamos ofertar um material sintético em páginas, mas completo em conteúdo, que possibilitou aos seus leitores um embasamento consistente para a aquisição da Libras como segunda língua, uma vez que acreditamos na afirmativa de não ser suficiente apenas conhecer a Libras para atuar na educação de surdos, mas também a cultura surda a partir da vivência junto à comunidade.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos Humanos E... Cjp* / Ed. Brasiliense, 1989.

Configurações de mãos. Disponível em: <<https://charles-libras.blogspot.com/2014/10/configuracoes-de-mao.html>>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

Contexto histórico do povo surdo. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-DbWPlipXfOY/UB55qzvoBHI/AAAAAAAAADw/3OJcNfxIWvs/s1600/Calv%C3%A1rio+dos+Surdos+fig.jpg>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.

FERNANDES, Sueli. *Educação de surdos*. Curitiba: Ibpex, 2007.

Galeria I Mostra de Arte Surda. CAS Regional Oeste Guarapuava. Disponível em <<https://casguarapuava.com/galeria>>. Acesso em: 28 de maio de 2020.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

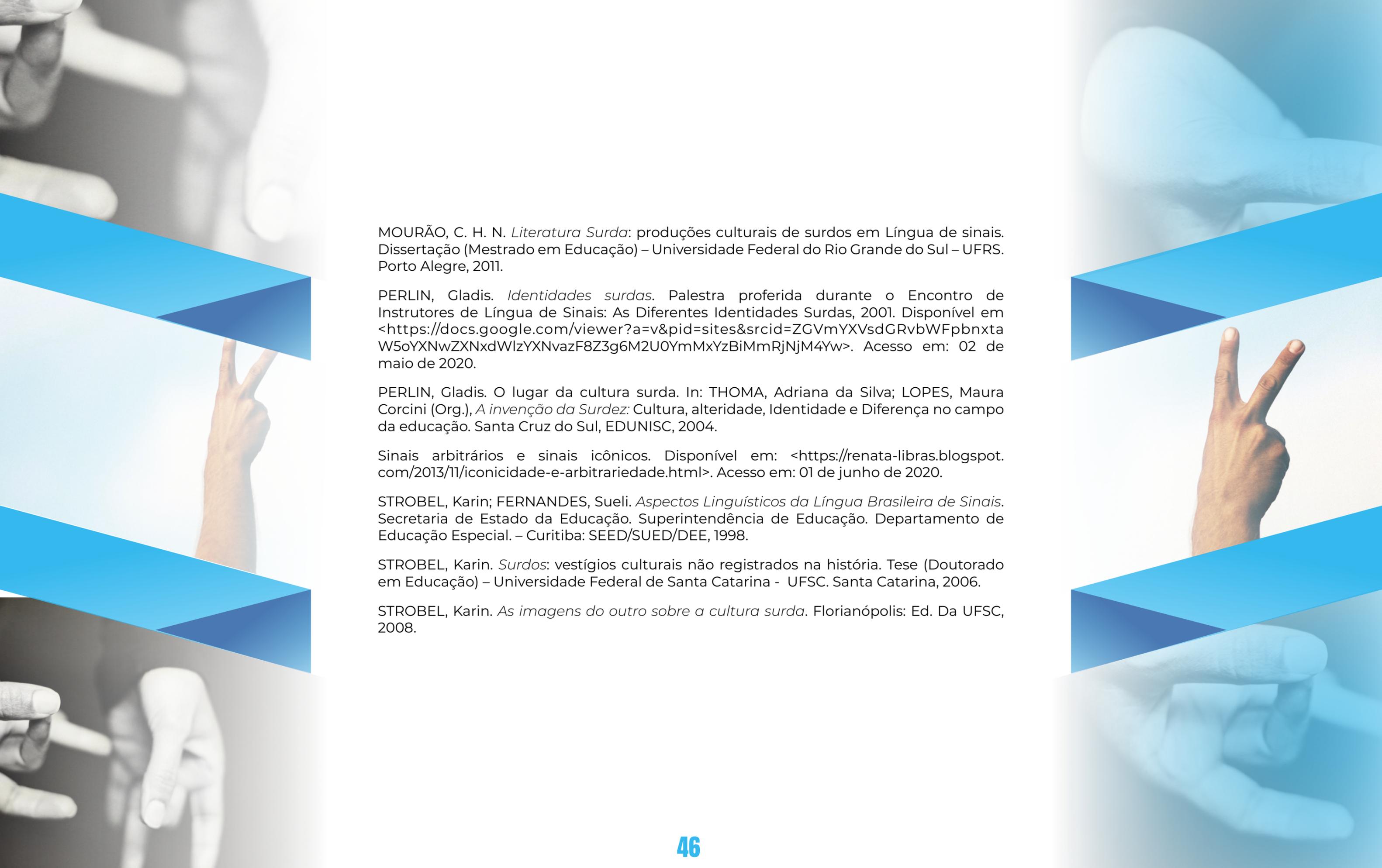
HALL, Stuart. A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. In: *Revista Educação e Realidade: Cultura, Mídia e Educação*. v. 22 n.3 jul. – dez. 1997.

KARNOOP, Lodenir; MACHADO; QUADROS, Ronice Müller de. *Língua de Sinais Brasileira*. Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KARNOOP, Lodenir; MACHADO, Rodrigo N. – *Literatura Surda: ver histórias em língua de sinais*. Anais do 2º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação – 2SBECE. Canoas: ULBRA, 2006.

KARNOPP, Lodenir. *Literatura Surda - Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2008.

KLEIN, Madalena. *Movimentos surdos e os discursos sobre surdez, educação e trabalho: a constituição do surdo trabalhador*. UFRGS. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<https://cultura-sorda.org/movimentos-surdos-constituicao-do-surdo-trabalhador/>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.



MOURÃO, C. H. N. *Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de sinais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS. Porto Alegre, 2011.

PERLIN, Gladis. *Identidades surdas*. Palestra proferida durante o Encontro de Instrutores de Língua de Sinais: As Diferentes Identidades Surdas, 2001. Disponível em <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxtaW5oYXNwZXNxdWlzYXNvazF8Z3g6M2U0YmMxYzBiMmRjNjM4Yw>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

PERLIN, Gladis. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.), *A invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

Sinais arbitrários e sinais icônicos. Disponível em: <<https://renata-libras.blogspot.com/2013/11/iconicidade-e-arbitrariedade.html>>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. *Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais*. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. – Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, Karin. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Santa Catarina, 2006.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ
UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof.^a M.^a Elenir Guerra
Coordenador Geral Curso

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do Curso

Prof.^a Ms.^a Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Fabíola de Medeiros
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt
Revisora

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Fev/2021